



**COLÉGIO PEDRO II  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,  
EXTENSÃO E CULTURA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
PSICOMOTORA**

**ANA CLÁUDIA DE FREITAS FRAZÃO SOARES**

**PSICOMOTRICIDADE E AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES  
DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Rio de Janeiro

2021

**ANA CLÁUDIA DE FREITAS FRAZÃO SOARES**

**PSICOMOTRICIDADE E AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES DE ENSINO E  
APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Psicomotora, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Psicomotora.

Orientadora: Dra. Katia de Souza e Almeida Bizzo Schaefer

Rio de Janeiro

2021

**COLÉGIO PEDRO II**

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**

**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**

**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

S676 Soares, Ana Cláudia de Freitas Frazão  
Psicomotricidade e afetividade nas relações de ensino e aprendizagem  
na educação infantil / Ana Cláudia de Freitas Frazão Soares. - Rio de  
Janeiro, 2021.

56 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação  
Psicomotora) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação,  
Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Katia de Souza e Almeida Bizzo Schaefer.

1. Psicomotricidade – Estudo e ensino. 2. Educação infantil -  
Estudo e ensino. 3. Afetividade (Psicologia). 4. Educação pelo  
movimento. I. Schaefer, Katia de Souza e Almeida Bizzo. II. Colégio  
Pedro II. III Título.

CDD 152.385

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

**ANA CLÁUDIA DE FREITAS FRAZÃO SOARES**

**PSICOMOTRICIDADE E AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES DE ENSINO E  
APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Psicomotora, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Psicomotora.

Aprovado em 13 de dezembro de 2021.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Katia de Souza e Almeida Bizzo Schaefer  
Colégio Pedro II  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Tatiana de Freitas Ordonhes de Mello  
Colégio Pedro II

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristie de Moraes Campello  
UNATI-UERJ

Dedico esse trabalho:

- ✓ aos meus familiares, que amo muito;
- ✓ aos meus companheiros de jornada;
- ✓ em especial, à minha orientadora, que muito me auxiliou nesta pesquisa;
- ✓ e principalmente, a Deus, que sempre esteve comigo presente em todo o tempo.

Nos momentos mais complicados, me dizia: “não desista, sou contigo, você vai conseguir”. Sem Ele, não teria chegado até aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, que tem me possibilitado vencer os desafios que vão surgindo ao longo do caminho.

Agradeço aos meus queridos companheiros de jornada, em especial, à Eliza Ramos, Nilda Félix, Rosângela, Márcia Costa e Walter Sansão, parceiros implacáveis na construção deste trabalho.

Agradeço também a todo o corpo docente do Colégio Pedro II, à minha querida Prof.<sup>a</sup>. Dra. Orientadora Katia Bizzo, ao Prof. Coordenador Ricardo Alves, a todos os profissionais convidados e a toda a Instituição entre colaboradores e funcionários que diretamente ou indiretamente puderam me auxiliar de alguma forma na conclusão deste trabalho.

Meus agradecimentos também aos professores componentes da banca examinadora que prontamente aceitaram compor a minha banca.

Não posso deixar de agradecer aos meus familiares e amigos que tiveram paciência e me incentivaram a não desistir, a não desanimar e a chegar até aqui.

Assim como agradeço a todos os leitores que darão vida a este trabalho e que sem eles não teria sentido escrevê-lo.

Muito obrigada a todos.

*...cada ser humano comprometido, cada vez mais com uma educação voltada para os sentidos, onde a hegemonia da razão vá dando lugar a uma parceria entre razão e emoção, onde o par não seja de dominante e dominado e, sim, de trocas, e que cada uma possa conquistar o seu lugar de importância e que este dualismo razão e emoção seja substituído por um único sentido: o sentido do coração.*

(Cristie de Moraes Campello, 2015)

## RESUMO

SOARES, Ana Cláudia de Freitas Frazão. **Psicomotricidade e afetividade**: nas relações de ensino e aprendizagem na Educação Infantil. 2021. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Psicomotora) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2021.

Este estudo visa investigar a importância da Psicomotricidade no espaço de Educação Infantil como promotora de aprendizagens significativas e facilitadoras do desenvolvimento integral da criança, por meio das relações de afeto do indivíduo consigo próprio, com outros corpos e com o ambiente. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, qualitativa, documental e pesquisa de campo com profissionais da área de Educação Infantil através de entrevistas semiestruturadas. Para realização dessa investigação, autores como Spinoza (2019), Celso Mastrascusa e Núria Franch (2016), Félix Guattari (2019), Wallon e Vygotsky através de seus comentadores, Izabel Galvão (2018) e Teresa Cristina Rego (2019), Fátima Alves (2012, 2016), dentre outros, auxiliam na busca das respostas às inquietações e provocações que baseiam este estudo. A legislação em vigor também contribui de maneira significativa nos resultados. Com vistas às análises realizadas, pode-se afirmar que o estudo das relações do corpo consigo próprio, com o outro e com o ambiente e a potência dos afetos, por meio da Psicomotricidade, é relevante e fundamental para educação e para a prática psicomotora, pois o ato motor tem papel essencial na afetividade e na cognição, além de ser o principal elo relacional com o mundo físico. No entanto, a temática aqui estudada é bastante densa e ainda tem várias dimensões a serem exploradas, o que faz com que ela não se esgote neste trabalho.

**Palavras-chave:** Afetividade. Educação Infantil. Movimento. Psicomotricidade

## RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo investigar la importancia de la Psicomotricidad en el espacio de Educación Infantil como promotora del aprendizaje significativo y facilitadora del desarrollo integral del niño, a través de las relaciones afectivas del individuo consigo mismo, con otros cuerpos y con el entorno. La metodología adoptada fue la investigación bibliográfica, cualitativa, documental y de campo con profesionales del campo de la Educación Infantil a través de entrevistas semiestructuradas. Para llevar a cabo esta investigación, autores como Spinoza (2019), Celso Mastrascusa y Núria Franch (2016), Félix Guattari (2019), Wallon y Vygotsky a través de sus comentaristas, Izabel Galvão (2018) y Teresa Cristina Rego (2019), Fátima Alves (2012, 2016), entre otros, ayudan en la búsqueda de respuestas a las inquietudes y provocaciones que sustentan este estudio. La legislación vigente también contribuye significativamente a los resultados. A la vista de los análisis realizados, se puede afirmar que el estudio de las relaciones del cuerpo consigo mismo, con el otro y con el entorno y el poder de los afectos, a través de la Psicomotricidad, es relevante y fundamental para la educación y para la práctica psicomotriz. ya que el acto motor juega un papel fundamental en la afectividad y la cognición, además de ser el principal vínculo relacional con el mundo físico. Sin embargo, el tema aquí estudiado es bastante denso y aún tiene varias dimensiones por explorar, lo que hace que no sea exhaustivo en este trabajo.

**Palabras clave:** Afecto. Educación Infantil. Movimiento. Psicomotricidad

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

ABP - Associação Brasileira de Psicomotricidade

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CF – Constituição Federal

CNE – Conselho Nacional da Educação

DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacional da Educação Infantil

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação

PR – Psicomotricidade Relacional

RCNEI – Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil

TCLE – Termo de Consentimento de Livre Escolha

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 Justificativa.....</b>	<b>14</b>
<b>1.2 Objetivos .....</b>	<b>17</b>
1.2.1 Objetivo geral .....	17
1.2.2 Objetivos específicos .....	18
<b>2 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>19</b>
<b>2.1 Procedimentos para a pesquisa de campo .....</b>	<b>21</b>
<b>3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS .....</b>	<b>24</b>
<b>3.1 O afeto como potência que move o corpo .....</b>	<b>24</b>
3.1.1 A criança e a importância do ato motor e da afetividade no processo de sua construção.....	25
<b>3.2 Pressupostos legais na Educação Infantil para a importância das relações de afeto no ambiente escolar pelo olhar da Psicomotricidade .....</b>	<b>27</b>
3.2.1 A infância e os aportes legais educacionais com enfoque no referencial para educação dessa etapa da vida.....	28
3.2.2 A criança na perspectiva jurídica da Educação Infantil .....	33
<b>4 COM A PALAVRA, OS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL: APRESENTAÇÃO DAS ENTREVISTAS E DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>	<b>38</b>
4.1. A afetividade como propulsora no processo de socialização, entendendo o afeto como potência que move o corpo.....	38
4.2 Os principais documentos legais na área da Educação Infantil sobre a importância das relações de afeto para o desenvolvimento infantil no ambiente escolar pelo olhar da Psicomotricidade.....	42
4.3 A contribuição da Psicomotricidade no trabalho desde a primeira infância, para a formação plena do indivíduo, a partir das relações de afeto entre corpos e destes com o meio ambiente .....	45
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>
<b>APÊNDICE A – RELATO CRÍTICO SOBRE O PROCESSO DE SUBMISSÃO AO COMITÊ DE ÉTICA E À PLATAFORMA BRASIL .....</b>	<b>53</b>
<b>ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – MAIORES DE IDADE .....</b>	<b>54</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A concepção de infância passou por várias modificações ao longo dos séculos e, após vários movimentos de lutas, tem, em seus aportes legais, definições mais condizentes com as demandas dessa etapa da vida. A criança passou a ser reconhecida como sujeito histórico e de direitos e ainda obteve um Estatuto, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990), que a ampara e prevê os cuidados que são inerentes a ela. Já nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) (BRASIL, 2009), há o reconhecimento de “que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, [a criança] constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (BRASIL, 2009, Art. 4º).

Diante disso, o objeto de estudo deste trabalho está relacionado à educação corporal e à afetividade como promotoras do processo de ensino e aprendizagem pelo viés da Psicomotricidade, tendo o foco desta pesquisa centrado no desenvolvimento infantil na perspectiva das interações e relações construídas no espaço escolar. Nesse sentido, estudar a criança, investigar práticas que melhor a atendam em suas necessidades e refletir sobre formas que possam melhor alcançar as finalidades de educação previstas na Lei de Diretrizes e Bases Nacionais da Educação Nacional (LDB) (BRASIL, 1996) – lei maior para todas as etapas e níveis da educação brasileira – são pertinentes e de relevância acadêmica e social.

Partindo do princípio de que o ser não se constrói sozinho, mas por meio dos relacionamentos que se dão no curso da vida desde o seu nascimento, é nos primeiros anos de vida que a relação psicomotora se faz necessária para ser estabelecida nos espaços familiar e escolar. Além disso, a criança, como todo ser humano, “é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também a marca.” (BRASIL, 1998, p. 21). Portanto, é na educação de base desde a Educação Infantil que as relações sociais se intensificam e se fortalecem no contexto escolar.

Um dos aspectos essenciais ao desenvolvimento da criança é a comunicação. Desde o ventre, ela já se comunica com a mãe, através de seus movimentos, dos seus incômodos e desejos. Isso ganha ainda mais proporção quando chega ao mundo

e traça sua estratégia nesse diálogo por meio de gestos, olhares, balbucios, choros, risos, mímicas, ou seja, segundo Lapierre e Lapierre (2019), são nessas relações psicomotoras que a criança estabelece, desde os primeiros anos de vida, “estratégia relacional”:

A comunicação da criança exprime-se de modo infraverbal, de modo psicomotor. O corpo nunca mente: todas as tensões, positivas ou negativas, e mesmo as inconscientes para o adulto serão percebidas pela criança, que as sente, no contato e até à distância. É a partir daí que ela estabelece, também mais ou menos inconscientemente, sua estratégia relacional. [...] vê-se, portanto, a importância que pode ter a comunicação psicomotora para as crianças pequenas e a necessidade de uma aproximação corporal e motora para estabelecer essa comunicação. (LAPIERRE; LAPIERRE, 2019, p. 17)

Segundo Lapierre e Lapierre (2019), muitos problemas na vida da pessoa originam-se lá na infância. Algo que tenha sido mal resolvido nos primórdios de existência vai se expressar sob formas simbólicas, sintomáticas no presente, despertados pelo contexto atual da criança, o que poderá acarretar dificuldades na aprendizagem, que podem levar ao fracasso escolar. No entanto, o trabalho psicomotor desde a Educação Infantil pode ser uma forma de prevenir estes tipos de dificuldades, sejam de aprendizagens cognitivas e/ou relacionais.

Outro fator importante é o afeto no sentido de afetar e ser afetado nas relações humanas. De acordo com Spinoza, “o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior nem menor” (2019, p. 99). A escola, na etapa da Educação Infantil, é o local apropriado para desenvolver os aspectos sociais, motores, afetivos, cognitivos, psíquicos, enfim, globais, e os encontros que ocorrem nesse ambiente podem ser tanto facilitadores quanto inibidores nessa dinâmica.

Por sua vez, o afeto, no sentido de afetividade, em consonância com Wallon (2018), é definido como o domínio funcional e que se desdobra em sentimentos, emoções e paixão, sem que esses se reduzam uns aos outros. Isto é, a afetividade é compreendida como um conjunto funcional que manifesta do orgânico e obtém um status social nas interações e que contribui para a formação global do indivíduo sendo fundamental no processo de construção de identidade dos pequenos.

Dessa forma, há três hipóteses que orientam o desenvolvimento desta pesquisa:

As relações sociais são construídas por meio das interações que também

ocorrem no interior da escola e são fortalecidas através do afeto e estímulo que se dá desde a infância.

O corpo traduz as potencialidades do sujeito. Através dele, a pessoa se relaciona consigo, com o mundo e com tudo o que nele há.

A Psicomotricidade se manifesta nos gestos e em todas as ações que levam ao desenvolvimento integral da criança, permitindo-a conhecer, dominar seu próprio corpo e construir sua identidade.

## **1.1 Justificativa**

Quanto à escolha dessa temática, ela foi motivada pelas inquietações e preocupações que tenho com a sociedade contemporânea. Isto se traduz na convivência e relações humanas que têm sido cada vez mais complexas. As pessoas têm tido dificuldades em relacionar-se e em conviverem harmoniosamente. Além disso, valores como a empatia, a solidariedade, a cooperação e o respeito têm se tornado cada vez mais escassos e tudo isso nos conduz a refletir de que maneira poderia ser possível reverter essa situação.

Outrossim, diz respeito aos estudos sobre a importância do corpo e a não dissociação dele no processo de ensino e aprendizagem. Sob esse ponto de vista, é preciso considerar a relevância de “o corpo de qual cada sujeito é formado e pelo qual age, pensa, sente, transforma nesta rede de relações. O corpo percebido além da linguagem verbal; o corpo que se comunica, que se potencializa, aprende, se transforma”. (BIZZO, 2013, p.141-142) Alves (2012), por exemplo, ressalta que, quando o desenvolvimento psicomotor da criança é mal constituído, ela tende a manifestar dificuldades nesse processo, inclusive, na leitura e na escrita.

Em linhas gerais, “o papel do corpo – o corporal, a postura, o postural, o movimento, o gestual – ao longo da história da criança (tanto ontológica como filogeneticamente), situa a relação estruturante da criança com seu corpo através do discurso do Outro que, por sua vez, o determina” (LEVIN, 2002, p. 254). Mais precisamente, “nosso corpo não é nada sem o corpo do outro, cúmplice de sua existência. É com o outro que ele se vê, e se constrói na atividade dos sistemas que lhe são oferecidos pela natureza, na intimidade deste espelho refletor, que é o outro e que faz de nós um ser único.” (AJURIAGUERRA, 1982, p. 163 apud ALVES, 2013, p. 44).

É preciso considerar também que “a Psicomotricidade hoje, como ciência da educação, visa à representação e à expressão motora, por meio da utilização psíquica e mental do indivíduo” (Alves, 2012, p. 145). Além disso, pode contribuir para que problemas como esses sejam resolvidos no espaço escolar infantil e que a intervenção psicomotora possa ser uma excelente ferramenta aliada nessa missão:

Entendemos hoje que a Psicomotricidade, dando-lhes condições de desenvolver capacidades básicas, aumentando seu potencial motor, utilizando o movimento para atingir aquisições mais elaboradas, como as intelectuais, ajudaria a sanar estas dificuldades. Diversos profissionais têm insistido sobre a importância capital do desenvolvimento psicomotor durante os três primeiros anos de vida. (ALVES, 2012, p. 146).

Nessa direção, a Psicomotricidade torna-se o divisor de águas nessa pesquisa:

A PR [Psicomotricidade Relacional] dá ao corpo todo protagonismo, um corpo que contém e produz aquilo que somos e que temos, capaz de “produções” muito diversas: orgânicas, emocionais, psíquicas, mentais, materiais, espirituais... Que se expressa e manifesta a partir e através do MOVIMENTO, um *movimento-processo* que permite nos tornarmos pessoa dia a dia. (MASTRASCUSA; FRANCH, 2016, p. 28).

De acordo com Mastrascusa e Franch (2016), esse campo de estudo tem interesse no que a criança pode fazer, em suas possibilidades, potencialidades e capacidades e o que pode realizar, para que, a partir disso, possa desenvolvê-la em sua plenitude. Ou seja, estuda o movimento humano, o desenvolvimento psicomotor e a intervenção psicomotora, que são os eixos que orientam essa temática. Sendo assim, a Psicomotricidade, que os autores apresentam pela vertente Relacional, se torna imprescindível e necessária na Educação Infantil.

Para além de tudo isso, está a importância das relações e interações no processo de constituição da pessoa. Segundo Vygotsky, “as características individuais (modo de agir, de pensar, de sentir, valores, conhecimentos, visão de mundo etc.) dependem da interação do ser humano com o meio físico e social” (apud REGO, 2019, p. 57-58). Também aponta que os fatores biológicos só são preponderantes bem no início da vida, sendo logo substituídos pelos fatores sociais. Isto é, à medida em que a criança começa a interagir com seu grupo social e com os objetos de sua cultura, seus pensamentos e comportamentos passam a ser comandados por essa influência. Por isso, este projeto pretende investigar a Psicomotricidade nessas relações.

Outro fator importante trata da potência do corpo mediatizada pelo afeto, sendo este produzido pelo encontro com as pessoas. Bem como a tríade ecológica de Felix Guattari (2019), que compreende o meio ambiente, as relações sociais e a

subjetividade humana. Essas questões são fatores que se conectam em todo esse processo e são elementares no âmbito infantil. Somos regidos pelos afetos de muitos encontros. Nesse sentido, os encontros podem ser benéficos ou maléficos, conforme o modo de afetar ou ser afetado.

O afeto em Spinoza (2019) seria a variação da potência de agir. Conforme o corpo é afetado, produzirá potências múltiplas, será movido por inúmeras forças. Essas forças produzem marcas nos indivíduos. Essas marcas também podem ser modificadas pela afetividade.

Wallon soma ao pensamento de Spinoza, ao afirmar que “a afetividade, o ato motor, a inteligência, são campos funcionais entre os quais se distribui a atividade infantil” (GALVÃO, 2018, p. 49). São nesses planos que esse teórico pauta a psicogênese da pessoa por inteiro em uma reflexão pedagógica que suscite uma prática que desenvolva a criança em todas as áreas, contemplando suas necessidades sob esses aspectos: afetivo, cognitivo e motor.

Diante de tudo o que foi exposto, essa investigação se faz necessária não com o intuito de dar conta de sanar os problemas de desenvolvimento infantil vigentes, mas na tentativa de estudar formas que possam contribuir para saná-los. Contudo, apesar de sua complexidade, é importante que pesquisas dessa natureza possam ser estimuladas a serem feitas também por outros pesquisadores da área com vistas a refletir e a primar por uma educação de qualidade que atenda aos educandos em sua globalidade.

Como pressupostos metodológicos, os estudos são de cunho qualitativo, bibliográfico e documental, lançando mão da pesquisa de campo com profissionais da área de Educação Infantil através de entrevistas semiestruturadas. Nessa perspectiva, este trabalho apresenta 3 capítulos principais. O primeiro, intitulado *A construção das relações de afeto nos espaços de desenvolvimento infantil*, tem como objetivo refletir sobre a afetividade como propulsora no processo de socialização, entendendo o afeto como potência que move o corpo. O segundo capítulo, intitulado *Uma reflexão dos principais documentos legislativos da Educação Infantil*, traz uma análise das principais leis que norteiam o trabalho na Educação Infantil, em relação à afetividade presente nesses espaços educacionais, pelo olhar da Psicomotricidade. O terceiro capítulo, intitulado *A contribuição da Psicomotricidade na Educação Infantil para a formação plena do indivíduo*, busca refletir sobre a importância da primeira infância na constituição do ser humano, considerando as questões afetivas, emocionais,

sociais e cognitivas, trazendo, nessa discussão, a relação entre os temas abordados nos dois capítulos anteriores.

Com tudo isso, este trabalho consiste em investigar a importância das práticas psicomotoras que podem ser desenvolvidas na educação de base para ajudar a provocar reflexões relevantes no campo da Educação Infantil e de que maneira a afetividade contribui nesse processo. Tais práticas visam contribuir para as crianças viverem em sociedade com vista ao bem coletivo e aptas a lidar com as intempéries da vida, de forma autônoma. Considerando que o processo educativo favorece o desenvolvimento das habilidades interacionais do indivíduo, ratifica-se a importância de uma pesquisa dessa natureza como proposta para um trabalho de conclusão de curso na área da Educação Psicomotora, motivando a outras pesquisas.

Logo, o estudo das relações do corpo consigo próprio, com o outro e com o ambiente e a potência dos afetos, na perspectiva spinozana, por meio da Psicomotricidade, é relevante e fundamental para a educação e para a prática psicomotora, pois o ato psicomotor tem um papel essencial na afetividade e na cognição, além de ser o principal elo relacional com o mundo físico. Nesse sentido, antes que os capítulos citados sejam discorridos, serão apresentados os objetivos que orientaram esta pesquisa, seguidamente dos pressupostos metodológicos que foram adotados.

## **1.2 Objetivos**

A seguir, são apresentados os objetivos deste trabalho, considerando as questões que me trouxeram até esta investigação e o desejo pulsante de ampliar as reflexões e descobertas sobre o tema pesquisado.

### **1.2.1 Objetivo geral**

Esse projeto tem por objetivo geral investigar a importância da Psicomotricidade no espaço de Educação Infantil como promotora de aprendizagens significativas e facilitadoras do desenvolvimento integral da criança, por meio das relações do afeto do indivíduo consigo próprio, com outros corpos e com o ambiente.

### 1.2.2 Objetivos específicos

- Refletir sobre a afetividade como propulsora no processo de socialização, entendendo o afeto como potência que move o corpo.

- Analisar os principais documentos legais na área da Educação Infantil sobre a importância das relações de afeto para o desenvolvimento infantil no ambiente escolar pelo olhar da Psicomotricidade.

- Pesquisar a contribuição da Psicomotricidade, no trabalho desde a primeira infância, para a formação plena do indivíduo, a partir das relações de afeto entre corpos e destes com o meio ambiente.

## 2 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Como procedimentos metodológicos, a proposta da pesquisa é de cunho qualitativo, bibliográfico e documental na construção dos pressupostos teóricos. Para enriquecer a análise dos dados, também houve uma pesquisa por meio de entrevistas semiestruturadas, com profissionais da área da Educação Infantil.

No intuito de investigar os estudos propostos nesta pesquisa, a abordagem qualitativa se justifica por ter um caráter subjetivo e por ter permitido que o objeto analisado pudesse chegar aos objetivos pretendidos.

Além disso, tem caráter documental e bibliográfico a fim de embasar e coletar dados de autores que explanam a temática aqui proposta, contextualizando com a realidade das escolas de Educação Infantil do cenário brasileiro, a partir das leis que fundamentam e regram o currículo dessa etapa da Educação Básica.

Autores com vistas a fundamentar as hipóteses levantadas na orientação deste trabalho, no campo da Psicomotricidade, são Celso Mastrascusa e Núria Franch (2016), que trazem o *Corpo em Movimento Corpo em Relação: Psicomotricidade Relacional no ambiente educativo*; Fátima Aves, que aborda a *Psicomotricidade: corpo ação e emoção* (2012) e *A infância e a Psicomotricidade: a pedagogia do corpo e do movimento* (2016).

No campo da Filosofia, Spinoza (2019) contribui com a teoria do afeto em sua obra *Ética* e, como comentador do filósofo, Marcos André Gleizer (2011), que traz *Espinosa & a afetividade humana*; e Félix Guattari (2019), que versa sobre *As três ecologias*. Já no campo da Educação, a pesquisa embasou-se em Wallon (2018) e Vygotsky (2019) e em seus comentadores, Izabel Galvão e Teresa Cristina Rego, respectivamente, com as obras: *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil* (2018) e *Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da Educação* (2019).

Acrescenta-se aos referenciais teóricos os de ordem normativa e legislativa, os documentais: Leis, Normas e Diretrizes que foram estabelecidas e promulgadas a fim de orientar a Educação Infantil e o universo das crianças.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (BRASIL, 1996), as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) (BRASIL, 2009), o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998) e a Base

Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) são os principais aportes legais que sustentam e orientam as práticas educativas nessa etapa da Educação Básica. Esses documentos consolidam e se relacionam com o que foi mencionado neste trabalho com base nos teóricos na área da Psicomotricidade, da Filosofia e da Educação.

Contudo, é importante destacar que, após a Educação Infantil ter sido reconhecida como etapa da Educação Básica na LDB (BRASIL, 1996), em 1998 foram elaborados os Referenciais (RCNEI/1998) para orientar e nortear o currículo da Educação Infantil que, apesar de não ter força de lei, serviu como ponte para, posteriormente, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) – em formato de lei – germinarem e trazerem consigo um novo olhar para o currículo dessa etapa através da Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, elaborada pelo Ministério da Educação e Conselho Nacional de Educação (MEC/CNE). Este documento ainda se encontra em vigência.

O RCNEI (BRASIL, 1998), apesar de não estar mais em vigência, traz contribuições relevantes, tanto de cunho teórico como de cunho documental, como é possível perceber na citação a seguir:

Embora haja um consenso sobre a necessidade de que a educação para as crianças pequenas deva promover a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais da criança, considerando que esta é um ser completo e indivisível, as divergências estão exatamente no que se entende sobre o que seja trabalhar com cada um desses aspectos. Há práticas que privilegiam os cuidados físicos, partindo de concepções que compreendem a criança pequena como carente, frágil, dependente e passiva, e que levam à construção de procedimentos e rotinas rígidas, dependentes todo o tempo da ação direta do adulto. Isso resulta em períodos longos de espera entre um cuidado e outro, sem que a singularidade e individualidade de cada criança seja respeitada. Essas práticas tolhem a possibilidade de independência e as oportunidades das crianças de aprenderem sobre o cuidado de si, do outro e do ambiente. (BRASIL, 1998, p. 17-18)

Sob essa ótica, é possível convidar a teoria de Guattari na qual articula-se “entre os três registros ecológicos – o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana.” (GUATTARI, 2019, p. 8). Essa articulação ético-política, que é chamada de *ecosofia*, poderia ser a solução de tentar dar conta dessa educação integral que é citada e preterida no Referencial para os pequenos, contemplando sua plenitude e suas necessidades.

Somando-se às reflexões teóricas e documentais, essa pesquisa buscou investigar com profissionais da Educação, o que na prática tudo isso acontece. Assim, veremos a seguir quais procedimentos foram adotados para tal pretensão.

## 2.1 Procedimentos para a pesquisa de campo

Para enriquecer este estudo, houve uma pesquisa de campo, em forma de entrevista semiestruturada, ou seja, com perguntas abertas, com recurso de gravador de voz para, posteriormente, ter as respostas transcritas. Foram realizadas com 5 (cinco) profissionais da Educação Infantil, sendo que todos fazem parte da turma 4 (2019/2020) de pós-graduação *lato sensu* em Educação Psicomotora do Colégio Pedro II. O projeto foi submetido à Plataforma Brasil e aprovação pelo Conselho de Ética do Colégio Pedro II.

A escolha desse grupo de professores se deu na intenção de buscar profissionais que atuam na Educação Infantil e que iniciaram os estudos na área da Psicomotricidade recentemente, o que possibilita refletir sobre suas práticas educativas à luz dessa ciência.

Para os entrevistados, houve a apresentação da pesquisa através do Termo de Consentimento de Livre Escolha (TCLE), para que eles tivessem conhecimento do teor da pesquisa e de seus objetivos antes de assinar o Termo que autorizou a participação de cada entrevistado. A apresentação foi um resumo do projeto inicial deste trabalho, como primeiro item presente no TCLE, seguido do objetivo principal da pesquisa (ver modelo de TCLE em anexo).

Considerando o momento da pesquisa, que foi interrompido pelo isolamento social em função do combate ao Coronavírus (COVID-19) em escala mundial, o TCLE e o texto de apresentação da pesquisa foram enviados por e-mail, para cada entrevistado, solicitando que eles assinassem e fizessem a devolução do TCLE também por e-mail, tornando-se desnecessário o contato presencial para, assim, minimizar os riscos de contaminação pelo vírus COVID-19.

Após a autorização assinada, a entrevista foi realizada por meio do aplicativo WhatsApp, por áudio, podendo aproveitar o arquivo de gravação de voz do próprio aplicativo como material de coleta de dados para posterior transcrição, realizada pela própria pesquisadora.

Com acesso a essas gravações, após transcrição, os nomes dos entrevistados foram suprimidos, para que suas identidades e das instituições em que trabalham fossem preservadas de forma a minimizar os riscos de exposição dos entrevistados e de seus locais de atuação profissional.

Para a seleção da amostra, houve a preocupação em contemplar práticas em escolas públicas e privadas de diferentes localizações do Estado do Rio de Janeiro, com o intuito de ampliar o campo de investigação.

O questionário foi composto por perguntas norteadoras, mas aberto a outras questões que pudessem surgir no decorrer da entrevista. As perguntas foram organizadas a partir dos objetivos específicos, da seguinte forma:

*1º objetivo específico: refletir sobre a afetividade como propulsora no processo de socialização, entendendo o afeto como potência que move o corpo.*

Questões norteadoras:

- Em sua prática, como são construídas as relações sociais das crianças na escola?
- Que tipo de relações de afeto você considera importante no espaço escolar?
- É possível garantir os vínculos afetivos na escola?
- Considerando o afeto como potencializador de aprendizagem e desenvolvimento, você teria alguma experiência para exemplificar?

*2º objetivo específico: analisar os principais documentos legais na área da Educação Infantil sobre a importância das relações de afeto para o desenvolvimento infantil no ambiente escolar pelo olhar da Psicomotricidade.*

Questões norteadoras:

- Você faz alguma relação das leis que norteiam as práticas na Educação Infantil com a questão do afeto na escola? Se faz, quais leis você destacaria? Algum artigo específico?
- O que você entende por Psicomotricidade?
- Você percebe alguma relação das DCNEI com a Psicomotricidade?
- A Nova Base (BNCC) orienta os campos de experiências e os direitos de aprendizagem. Você acha que eles, de alguma forma, têm relação com a Psicomotricidade? Por quê?
- Que tipo de educação seria necessária para atender ao público infantil contemporâneo?

*3º objetivo específico: pesquisar a contribuição da Psicomotricidade, no trabalho desde a primeira infância, para a formação plena do indivíduo, a partir das*

*relações de afeto entre corpos e destes com o meio ambiente.*

Questões norteadoras:

- Você realiza atividades psicomotoras com as crianças? Com que frequência?

Quais são elas?

- Essas práticas, você acha que, de alguma maneira, contribuem no processo de ensino e aprendizagem e na construção de identidade das crianças com quem trabalha? Por quê?

- Você trabalha sistematicamente as relações sociais das crianças? O que seria necessário observar no comportamento delas para uma melhor intervenção psicomotora?

- Em sua prática cotidiana, você observa como os corpos infantis se expressam? Eles te revelam alguma coisa que possa modificar o seu cotidiano?

Após a realização das entrevistas, houve a transcrição delas para possibilitar a análise dos dados coletados, de forma a contribuir nas reflexões deste estudo. Assim sendo, há um capítulo específico para a apresentação e discussão dos dados ao longo do texto, mas, antes de chegar a esse tópico, faz-se necessário abordar os pressupostos teóricos que orientaram essa pesquisa e que deram os subsídios necessários para sua sustentação.

### 3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este capítulo aborda os principais teóricos que embasaram e nortearam esse estudo. De semelhante modo, também são apresentados os documentos legais que legislam a Educação Infantil, e normatizam as práticas educacionais desse segmento, com o intuito de averiguar se essa etapa da Educação tem recebido a relevância que merece e necessita.

#### 3.1 O afeto como potência que move o corpo

Alves, em sua obra *Psicomotricidade: corpo, ação e emoção* (2012), ressalta que “a Psicomotricidade serve como ferramenta para todas as áreas de estudos voltadas para a organização afetiva, motora, social e intelectual do indivíduo, acreditando que o homem é um ser ativo capaz de se conhecer cada vez mais e de se adaptar às diferentes situações e ambientes” (2012, p. 154). Nessa perspectiva:

A afetividade para o desenvolvimento psicomotor é fator contribuinte. A criança se sente bem para realizar e trocar possibilidades de comunicação e assim compreender que existem relações significantes que cooperam corporalmente. A afetividade facilita e contribui as funções intelectuais. A relação de afetividade começa entre mãe e filho, família e criança, adulto e criança, criança e adulto, estendendo-se para a escola, professor e aluno, aluno e professor, escola e aluno, aluno e escola, mas também é essencial que o aluno perceba escola e professor e professor e escola. Dessa forma, a relação motora, afetiva e cognitiva flui com mais prazer e segurança. (ALVES, 2016, p.153).

Lapierre e Lapierre (2019) apontam que, pelo olhar do outro, o corpo ganha em si uma percepção própria; e que a criança percebe, gradativamente que sua própria imagem também penetra no corpo do outro, e nele provoca reações. Em suas pesquisas, concluiu que “a primeira infância não é necessariamente essa fase que o adulto se compraz em imaginar. O próprio adulto se esqueceu e recalcou os problemas e os conflitos que nela viveu” (LAPIERRE; LAPIERRE, 2019, p. 109)

As dificuldades que são apontadas por Lapierre e Lapierre (2019) em suas investigações eram avistadas no comportamento relacional das crianças, na sua relação com o outro, e se desdobram em três principais regiões: inibição e fixação em si mesmo; agressividade; e dependência afetiva. Para ele, o que de fato é problema é quando um desses polos permanece fixo ou prepondera excessivamente. Ou ainda, quando os comportamentos não se diversificam em consonância com as

circunstâncias em que estiverem inseridas.

Esse autor ainda acrescenta, que quando a criança vive bem seus primeiros anos de vida e neles pode solucionar seus conflitos, superá-los, adquire atitudes mais autônomas. Dessa forma, estará muito mais capacitada a enfrentar as situações conflituosas que possam surgir na atual conjuntura e saberá lidar melhor com elas.

### 3.1.1 A criança e a importância do ato motor e da afetividade no processo de sua construção

A idade primária é uma etapa muito importante na vida de uma pessoa. São nos primeiros dias de existência que tudo efetivamente se inicia e que a criança vai aprendendo a ocupar o mundo e a se perceber nele. Assim sendo, é pelo movimento que ela vai se desenvolvendo, se descobrindo e interagindo consigo, com os outros e com o meio que a cerca. Para Gleizer (2011), significa uma propriedade comum de todos os corpos. Ou seja, o conhecimento de suas leis gerais nos permitirá compreender o comportamento corporal dos pequenos.

Segundo Mastrascusa e Franch (2016), o movimento é definido como um complexo fenomenal, cuja natureza dinâmica, significativa e articuladora se expressa de modo orgânico, físico e psíquico. Tendo em vista o movimentar infantil, em que a criança traduz através de seus atos motores, do seu deslocar, do seu interagir com o espaço, com os seus pares, se apropria desse ato para manifestar e espelhar o que se passa em seu interior, suas emoções e ao mesmo tempo para atrair as pessoas que a cerca, afetando-as e sendo afetada por elas. Nisto, Fátima Alves (2016) diz o seguinte:

As crianças têm capacidade com base nos movimentos fazer ou agir interagindo com o mundo que a cerca. O que elas precisam é que exista ou existam pessoas que facilitem ou colaborem com estas significações para se tornarem grandes aprendizes. Porque aprender elas irão sempre, a vida é uma aprendizagem. Enfrentarão muitos obstáculos, mas, por meio de seu corpo e sua funcionalidade, conseguirão ultrapassá-los de forma mais eficaz, não perfeita, mas adequadas.

O corpo é existente, vive, se desenvolve e se capacita por meio da expressividade. Para se expressar, precisamos nos comunicar e, dependendo da situação, pode-se desenvolver alguma outra atitude.

Para a existência do corpo, tem de existir uma relação, relação de afetos e ódios, de desejos e procedimentos psicomotores relacionais que são estabelecidos por meio da comunicação, da expressão, da afetividade, do limite, da corporeidade e da agressividade. (ALVES, 2016, p. 152-153)

Nesse processo, o afeto tem um papel fundamental, pois é através de um

ambiente acolhedor, que promova a afetividade e que potencialize as ações corporais, é que cada vez mais as novas descobertas acontecem e que a criança vai se constituindo como sujeito e construtora de sua própria identidade. Espinosa (apud GLEIZER, 2011) fundamentou a teoria da afetividade, cujo corpo humano é de intensa complexidade, na qual, está habilitado a afetar e ser afetado de inúmeras formas pelos demais corpos, em que sua capacidade reterá tais afecções e será modificado pelas interações com outras pessoas. Isto quer dizer que:

O todo não reduz à mera justaposição das partes, mas define-se por uma lei que organiza as relações entre elas, uma estrutura que confere unidade e individualidade ao todo. Assim, o que define a individualidade de um corpo composto qualquer (seja ele humano ou não) é a relação constante segundo a qual suas partes comunicam seus movimentos entre si, de tal forma que qualquer variação nos seus componentes que não destrua esta relação preserva a identidade do indivíduo. Assim, um indivíduo composto pode sofrer múltiplas variações, afetar e ser afetado de várias maneiras pelos corpos exteriores, conservando sua individualidade através das trocas com o meio circundante. (GLEIZER, 2011, p. 23)

Nesse sentido, vale ressaltar que vários estudiosos como Henri Wallon, além de outros, concluíram que a afetividade é elemento potencializador do desenvolvimento infantil, e ainda das interações e relações humanas. Tanto fatores orgânicos quanto sociais irão influenciar nessa dinâmica, mas “o ritmo pelo qual se sucedem as etapas é descontínuo, marcado por rupturas, retrocessos e reviravoltas. Cada etapa traz uma profunda mudança nas formas de atividade do estágio anterior” (GALVÃO, 2018, p. 43). Visto que Wallon entende que o desenvolvimento de um sujeito é semelhante a uma construção progressiva em que se sucedem fases predominantemente afetiva e cognitiva (apud GALVÃO, 2018, p.43), “antes de agir diretamente sobre o meio físico, o movimento atua sobre o meio humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo. Podemos dizer que a primeira função do movimento no desenvolvimento infantil é afetiva” (GALVÃO, 2018, p. 70). Sobre essa questão, Galvão acrescenta:

[...] A criança reage corporalmente aos estímulos exteriores, adotando posturas ou expressões, isto é, atitudes, de acordo com as sensações experimentadas em cada situação. É como se a excitação provocada se espalhasse pelo corpo, imprimindo-lhe determinada forma e consistência e resultando numa impregnação perceptiva, por meio da qual a criança vai tomando consciência das realidades externas. É por meio desta impregnação perceptiva que a criança torna-se capaz de reproduzir determinada cena após tê-la presenciado, ou seja, de imitar. (Galvão, 2018, p. 72)

Já a dimensão cognitiva do movimento que sucede o desenvolvimento das

primeiras praxias será tratada mais adiante nos capítulos posteriores desta pesquisa, visto que o “desenvolvimento da dimensão cognitiva do movimento torna a criança mais autônoma para agir sobre a realidade exterior. Diminui a dependência do adulto, que antes intermediava a ação da criança sobre o mundo físico” (GALVÃO, 2018, p. 73). Diante destas reflexões, cabe considerar que essa temática exige que preceda os aportes legais que timidamente foram conquistados pela etapa da Educação Infantil e vêm avançando cada vez mais, antes de explorarmos mais sobre esse assunto.

### **3.2 Pressupostos legais na Educação Infantil para a importância das relações de afeto no ambiente escolar pelo olhar da Psicomotricidade**

Antes que se discorra sobre a legislação da Educação Infantil é preciso definir o que vem a ser Psicomotricidade, como surgiu e se aparece esse termo em algum documento legal dessa etapa da Educação, de que olhar é esse à qual nos referimos. Segundo a Associação Brasileira de Psicomotricidade (ABP):

é a ciência que tem como objeto de estudo o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao mundo interno e externo. Está relacionada ao processo de maturação, onde o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas. É sustentada por três conhecimentos básicos: o movimento, o intelecto e o afeto. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE, s/a, s/p)

Ainda de acordo com a Associação, esse vocábulo “psicomotricidade” apareceu na história no século XIX em uma discussão médica da área neurológica em estudos voltados da neurofisiologia. Embora, não seja objetivo desta pesquisa se aprofundar nessa temática, é de suma relevância destacar que essa palavra “psicomotricidade” apareceu pela primeira vez em 1870, que apesar de sua importância e de estar presente implicitamente na historicidade humana, ainda é muito recente na contemporaneidade. No século XX, em 1925, Wallon, que também era médico psicólogo, se ocupou “do movimento humano dando-lhe uma categoria fundante como instrumento na construção do psiquismo. Esta diferença permite a Wallon relacionar o movimento ao afeto, à emoção, ao meio ambiente e aos hábitos do indivíduo psíquico” (Associação Brasileira de Psicomotricidade, s/a, s/p).

Outrossim, a Psicomotricidade, em concordância com a ABP, está concebida como um movimento organizado e integrado sob a incumbência das experiências vivenciadas pela pessoa cuja ação é conseguinte de sua singularidade, sua linguagem

e sua socialização. Além disso está baseada em uma concepção unificada do sujeito, que abrange as “interações cognitivas, sensoriomotoras e psíquicas na compreensão das capacidades do ser e de expressar-se, a partir do movimento, em contexto psicossocial” (COSTA, 2002 apud ABP, s/a, s/p). Isto é, se estabelecem por uma junção de saberes que englobam “conhecimentos psicológicos, fisiológicos, antropológicos e relacionais que permitem, utilizando o corpo como mediador, abordar o ato motor humano com o intento de favorecer a integração deste sujeito consigo e com o mundo dos objetos e outros sujeitos”. (COSTA, 2002 apud ABP, s/a, s/p).

Nessa perspectiva, os documentos legais apontam para o olhar psicomotor sem que se explicita a abordagem psicomotora, mas que em consonância com a essência da Psicomotricidade trata-se sim dessa visão como ressaltaremos no decorrer deste texto. Muito embora não seja o foco deste estudo se aprofundar na historicidade da infância, no próximo tópico é apresentado um recorte da história da criança e, conseqüentemente, da família. Em seguida, o que diz a legislação da Educação Infantil.

### 3.2.1 A infância e os aportes legais educacionais com enfoque no referencial para educação dessa etapa da vida

Durante muito tempo, a infância foi anulada na vida de muitas crianças. Segundo Philippe Ariès (2016), os pequenos eram tidos como adultos em miniatura e viviam no anonimato. Enquanto pensar em infância na contemporaneidade é vislumbrar os cuidados, a proteção, a ludicidade, a curiosidade, a ingenuidade, dentre tantas outras características inerentes aos pequeninos não existentes, em dados momentos da humanidade, em determinados períodos, esses adjetivos não lhes eram peculiares. Ao contrário, ainda em idade muito tenra, eram expostos aos afazeres domésticos; e/ou retirados do seio da família e “cuidados” por outrem.

De acordo com Ariès (2016), no registro historiográfico em que realizou, as sociedades antepassadas eram marcadas por mudanças comportamentais que se sucediam dentro e entre as famílias em outras épocas. Nas quais, conflitavam com o que ele conhecia em relação ao comportamento das pessoas de seu tempo. Mais precisamente, a análise iconográfica desenhada pelo historiador foi construída baseada no comportamental de seus conterrâneos do século XX.

A forma como se organizavam as famílias teve suas notáveis mudanças. “A

família transformou-se profundamente na medida em que se modificou suas relações internas com a criança” (ARIÈS, 2016, p. 154), de tal maneira que “a densidade social não deixava lugar para a família. Não que a família não existisse como realidade vivida: seria paradoxal contestá-la. Mas ela não existia como sentimento ou valor” (ARIÈS, 2016, p. 191). Isto significa que “a família cumpria uma função – assegurava a transmissão da vida, dos bens e dos nomes – mas não penetrava muito longe na sensibilidade” (ARIÈS, 2016, p.193).

Se por um lado “a criança era o instrumento de especulação matrimonial e profissional, destinada a promover um avanço da família na sociedade” (ARIÈS, 2016, p. 188), por outro, “a família e a escola retiraram juntas a criança da sociedade dos adultos. A escola confinou uma infância outrora livre em um regime disciplinar cada vez mais rigoroso, que nos séculos XVIII e XIX resultou no enclausuramento total do internato” (ARIÈS, 2016, p. 195).

Todavia, essas concepções não ocorriam alternadas esporadicamente e, sim, de um modo cronológico, mais especificamente associada ao modo de organização da sociedade. Igualmente, é possível simplificar, mencionando quem, em determinadas épocas, nem se quer chegou a existir esse tipo de entendimento no qual chamamos de infância. Não havia essa compreensão, não havia uma consciência das singularidades e peculiaridades da criança.

As crianças tais como são e a família tal como é, com suas dores e alegrias quotidianas, emergiram de uma rotina elementar para atingir as zonas mais luminosas da consciência. Esse grupo de pais e filhos, felizes com sua solidão, estranhos ao resto da sociedade, não é mais a família do século XVII, aberta para o mundo invasor dos amigos, clientes e servidores: é a família moderna. (ARIÈS, 2016, p. 188).

Isto quer dizer que a criança não era tida em sua totalidade como um ser em pleno desenvolvimento, nem sequer explorada suas potencialidades, tão pouco era considerada em suas dimensões físicas, psicológicas, biológicas, sociais, culturais e históricas, pois ora era tida como um adulto mirim, ora comparada a um bichinho de estimação, um ser frágil, impotente e inútil que necessariamente devesse ser paparicada e que necessitaria ser cuidada e educada.

O sentimento de infância vai sendo percebido e nutrido conforme as vivências de cada período em que se processa. Isto é, a criança como um ser dotado de direitos é uma vitória fruto de um movimento de lutas ao longo dos anos.

Contudo, na Idade contemporânea não só a criança tem uma legislação própria

que a respeita e a reconhece na sua essência e com todos os direitos que lhes são provenientes, como também tem documentos legais que a ampara e norteia a Educação em âmbito nacional e a que lhe é inerente, que é a Educação Infantil. Apesar de a Constituição Federal (CF) de 1988 versar no seu Art. 205 que a Educação é um direito de todos e que é dever do Estado e da família em colaboração com a sociedade e, no Art. 208, no caput IV, se referir ao “atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade” e, assim, timidamente essa etapa aparecer, foi somente na LDB de 1996, que essa etapa efetivamente surgiu como obrigatória e como parte integrante da Educação Básica, conforme o Art. 4º da Lei 9.394/96:

O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade organizada da seguinte forma:

pré-escola;

b) ensino fundamental;

c) ensino médio;

II - educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade;  
(BRASIL, 1996)

Essa mesma Lei 9.394/96, no Art. 29 (BRASIL, 1996) versa que, “a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. Por sua vez, enquanto na CF de 1988 o objetivo da Educação visa o “pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988), a Lei 8.069/1990 (ECA) aborda, no Art. 53, que a educação da criança e do adolescente tem por premissa o mesmo objetivo contido no Art. 205 da Constituição, citado anteriormente. Nisto convergem em ambos os ordenamentos jurídicos que uma das principais metas da educação é o desenvolvimento do indivíduo em sua completude, integrando todas as dimensões humanas.

Nessa direção, em 1998, a primeira etapa da Educação Infantil alavanca com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), que, apesar de não ser um documento normativo e não ter a força diretriz de uma Lei, foi um avanço na educação direcionada aos pequeninos no que tange ao currículo e no atendimento à legislação brasileira, visto que culminou posteriormente na Resolução de nº 5 de 2009, na qual germinaram as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 2009).

O Referencial fundamenta e situa concepções de criança, de educação, de instituição e de profissional e denotam intenções gerais de Educação Infantil e organiza o eixo de trabalho com vistas às dimensões de cunho de formação pessoal e social e conhecimento de mundo. Além do mais, o RCNEI surgiu com a pretensão de denotar objetivos de qualidade que contribuíssem para que as metas anteriormente mencionadas da educação pudessem ser cumpridas. Significa dizer que o eixo de trabalho favorece, primeiramente, os processos de construção da identidade e da autonomia da criança.

Além disso, enfatiza a intenção de que os miúdos se desenvolvam integralmente em suas respectivas identidades e sejam capazes de crescer como cidadãos cujos direitos à infância não fossem negados, mas sim reconhecidos e garantidos. Ou seja, o objetivo socializador dessa etapa educativa em espaços que propicie o acesso e a amplitude dos conhecimentos da realidade social e cultural pelas crianças é trazido no RCNEI, que organiza e instrumentaliza o profissional da educação que lida diretamente com os pequeninos.

Em última análise, esse documento agrega um conjunto referencial e cujas orientações educacionais devem considerar “especificidades afetivas, emocionais, sociais, cognitivas da criança de zero a seis anos [...]” (BRASIL, 1998, p. 13). Outrossim as práticas educativas pedagógicas ocorridas no ambiente infantil se fundamentam nos seguintes princípios:

o respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas etc.;

o direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil;

o acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética;

a socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma;

o atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade.

A estes princípios cabe acrescentar que as crianças têm direito, antes de tudo, de viver experiências prazerosas nas instituições. (BRASIL, 1998, p. 13).

Mediante o exposto e à luz da Psicomotricidade, faz-se necessário refletir antes que prossigamos com os demais aportes legais, sobre o binômio cuidar/educar, pois, como iremos observar, eles não se dissociam, ao contrário, são complementares um do outro.

Em um ponto de vista mais irrestrito, os cuidados são entendidos como aqueles

concernentes à proteção, à saúde, à alimentação, inclusive, abrangendo as carências afetivas, interacionais, motivacionais, protetivas e lúdicas que predisõem a exploração, a curiosidade e a descoberta, como explicita o RCNEI de 1998. Isto significa dizer que:

A base do cuidado humano é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos. [...] Pode-se dizer que além daquelas que preservam a vida orgânica, as necessidades afetivas são também base para o desenvolvimento infantil. O cuidado precisa considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. [...] Para cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades. [...] Além da dimensão afetiva e relacional do cuidado, é preciso que o professor possa ajudar a criança a identificar suas necessidades e priorizá-las, assim como atendê-las de forma adequada. Assim, cuidar da criança é sobretudo dar atenção a ela como pessoa que está num contínuo crescimento e desenvolvimento, compreendendo sua singularidade, identificando e respondendo às suas necessidades. Isto inclui interessar-se sobre o que a criança sente, pensa, o que ela sabe sobre si e sobre o mundo, visando à ampliação deste conhecimento e de suas habilidades, que aos poucos a tornarão mais independente e mais autônoma. (BRASIL, 1998, p. 24-25).

Educar e cuidar são indissociáveis, como orientado no Referencial. Sendo assim, os Espaços de Desenvolvimento Infantil (EDI) como todas as instituições que atendem a essa etapa da Educação Básica devem primar por agregar concepções pedagógicas que privilegiem e considerem as crianças em seus contextos sociais, ambientais, culturais e nas interações e práticas sociais, e que, além de tudo, sejam enriquecedoras do desenvolvimento da identidade dos pequenos, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações interacionais e que seja cumprida a função socializadora de que a Educação Infantil carece e a qual a perspectiva psicomotora privilegia. Se observarmos a concepção de educar trazida por este documento veremos que há um diálogo profundo com a Psicomotricidade:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis. (BRASIL, 1998, p. 24-25).

Então, é perceptível que essas definições se complementam e se comunicam, pois, como é dito pela Associação Brasileira de Psicomotricidade (s/a, s/p),

baseada numa visão holística do ser humano, a psicomotricidade encara de forma integrada as funções cognitivas, socioemocionais, simbólicas, psicolinguísticas e motoras, promovendo a capacidade de ser e agir num contexto psicossocial. A psicomotricidade possui as linhas de atuação educativa, reeducativa, terapêutica, relacional, aquática e ramain.

Da mesma maneira, “a escola pode ser percebida como mais um lugar de aprendizagem, composta por sujeitos que levam a vida para dentro dela e a constituem a partir de suas singularidades, assim como a partir das interações no coletivo” (BIZZO, 2013, p. 141), pois são esses espaços que conduzem a uma aprendizagem significativa pelo olhar psicomotor, já que “aprender é descobrir coisas, vislumbrar a descoberta, tornar o ensino e a aprendizagem, ambos eficazes. Isso implica mostrar ao aluno, para que serve o que ele está descobrindo”. (ALVES, 2013, p. 63) Então, parafraseando Bizzo (2013), nos caberia idealizar a Psicomotricidade em espaços educacionais que atendem à Educação Infantil a partir dessa dinâmica complexa que englobam: as relações, ações, aprendizagens, afetos e transformações, nesse contexto educacional e nessa perspectiva de desenvolver os pequenos na sua integralidade.

### 3.2.2 A criança na perspectiva jurídica da Educação Infantil

Antes de discorrer sobre os principais ordenamentos jurídicos da Educação Infantil, que são as DCNEI (BRASIL, 2009) e a BNCC (BRASIL, 2018), faz-se necessário trazer as definições de criança segundo outros aportes legais. O ECA (BRASIL, 1990), por exemplo, diz considerar-se criança, nos efeitos desta Lei em seu Art. 2º “a pessoa até doze anos de idade incompletos (...)” e no Art. 7º que é direito garantido nesta lei: “a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições digna de existência”.

As DCNEI são fixadas a partir da Resolução nº 5 de 2009 e, no seu Art. 1º, diz que esta deve ser observada a organização das propostas pedagógicas para esse segmento da Educação Básica. De acordo com as DCNEI, criança é o

sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e

constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12).

Os pequenos têm por essência uma natureza peculiar, como pessoas que sentem e imaginam o mundo e tudo o que os cercam com seu jeito próprio de pensar. Nessa direção, o currículo deve primar em “articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo que promova a finalidade da qual já citamos que os documentos legais almejam que é o desenvolvimento integral das crianças e que englobem todos os aspectos que fazem parte de cada ser humano.

Essas propostas pedagógicas devem orientar as ações nos espaços infantis com a pretensão e a intenção de desenvolver nas crianças que neles são cuidadas e educadas baseados na Psicomotricidade, que, segundo Alves (2013, p. 88), “estuda o ser em seus movimentos, nas suas relações internas e externas”. Além disso, devem ser respeitados os seguintes princípios:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.

Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.

Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais. (BRASIL, 2009, Art 6º).

Os objetivos nos quais estão propostas as DCNEI devem ter como foco a garantia de que criança acesse “a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças” (BRASIL, 2009, Art. 8º). Essas práticas e as atividades nas quais são privilegiadas as intenções pedagógicas propostas devem ter como eixos norteadores as interações e brincadeiras e que garantam experiências que promovam o desenvolvimento do ser infantil em sua absoluta completude, uma vez que:

aprendemos porque temos a capacidade de simbolizar e de criar memórias – o conhecimento surge da vida em sociedade, é socializando através das muitas formas de comunicação entre os seres humanos, mas sua efetivação é individual. Isto quer dizer que o que uma pessoa aprende fica guardado em seu corpo [...] aprendemos porque temos a capacidade de elaborar processos complexos e transmiti-lo. Aprendemos por imitação ou pelo ensino. A aprendizagem transforma as possibilidades de desenvolvimento, tanto do que se observa como comportamento, como dos processos internos. (LIMA, 2007, p. 5).

É por esta razão que a escola é o local que todas essas práticas devem ser cultivadas e promovidas, visto que ela “cumprir um objetivo antropológico muito importante: garantir a continuidade da espécie, socializando para as novas gerações as aquisições e invenções resultantes do desenvolvimento cultural da humanidade” (LIMA, 2007, p. 6). É nisso que a Psicomotricidade deveria integrar especificamente o currículo de Educação Infantil explicitamente, pois, em seus aportes, são sugeridos essa ciência, mas de uma maneira muito tímida e implícita como veremos na Base Nacional Comum Curricular assim como a própria dimensão afetiva que é tão importante nessa etapa da vida.

A BNCC é um documento de caráter normativo, foi construída por muitas mãos e é pautada nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Em relação à Educação Infantil, busca assegurar os eixos estruturantes dessa etapa, que são as interações e brincadeiras. Ao tratar das atividades pedagógicas e das competências gerais da Educação Básica, destacam os direitos de aprendizagem e desenvolvimentos muito importantes na fase da infância: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Além disso, os campos de experiências nos quais a Base está alicerçada podem dialogar com a perspectiva da Psicomotricidade e se baseiam nos saberes e conhecimentos que predisponham as DCNEI's. Os campos se organizam da seguinte maneira:

O eu, o outro e o nós – é na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vistas (...). Nessas experiências, elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos.

Corpos gestos e movimentos – Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade. [...]

Traço, sons, cores e formas – Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras. [...]

Escuta, fala, pensamento e imaginação – Desde o nascimento, as crianças participam de situações comunicativas cotidianas com as quais interagem. As primeiras formas de interação do bebê são os movimentos do seu corpo, o olhar, a postura corporal, o sorriso, o choro e outros recursos vocais, que ganham sentido com a interpretação do outro. [...]

Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações – As crianças

vivem inseridas em espaços e tempos de diferentes dimensões, em um mundo constituído de fenômenos naturais e socioculturais (...). Demonstram também curiosidade sobre o mundo físico (seu próprio corpo, os fenômenos atmosféricos, os animais, as plantas, as transformações da natureza, os diferentes tipos de materiais e as possibilidades de sua manipulação etc.) e o mundo sociocultural (as relações de parentesco e sociais entre as pessoas que conhece; como vivem e em que trabalham essas pessoas; quais suas tradições e seus costumes; a diversidade entre elas etc.). (...) Assim, a instituição escolar está criando oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano. (BRASIL, 2019, p. 40-43).

Em síntese, a Base traz em linhas gerais parâmetros que abrem caminhos para uma maior comunicação com a Psicomotricidade, mas, quanto à afetividade, que é tão importante na infância e em qualquer etapa da vida, não é mencionada com clareza e como elemento fundamental nas propostas pedagógicas e nos direitos de aprendizagens que apregoa. No entanto, sintetiza no campo de aprendizagem *O eu, o outro e o nós* que é preciso respeitar e expressar sentimentos e emoções e atuarem de modo a demonstrar gana por conceber inéditos relacionamentos, respeitando as regras de convívio social e as alteridades, sendo solidárias com todos.

Já no campo do *Corpo, gestos e movimentos*, usar o corpo de modo intencional, adequado, criativo, controlado, bem como instrumento interacional com o outro e com o meio é de suma importância nos espaços de desenvolvimento Infantil. Outrossim, no campo *Traços, sons, cores e formas*, prima pelas relações com o outro em que os gestos, as palavras, as brincadeiras, os jogos, as imitações, as observações e as expressões corporais são elementares nas atividades educacionais que acontecem na Educação Infantil.

Nessa perspectiva, a Base traz em sua organização diretrizes que auxiliam para o desenvolvimento pleno das crianças, embora ainda seja insuficiente na questão dos afetos. Contudo, o que é trazido nos primeiros campos de experiências sob o ponto de vista da Psicomotricidade é o que é peculiar do outro e do coletivo, englobando o corpo e os movimentos, que são preponderantes na educação dos pequeninos, principalmente, porque “as crianças conhecem e reconhecem as sensações e funções de seu corpo e, com seus gestos e movimentos, identificam suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a consciência sobre o que é seguro e o que pode ser um risco à sua integralidade física” (BRASIL, 2019, p 41).

Nesse diálogo com a ótica psicomotora são infinitas as possibilidades dos miúdos nos espaços de Educação Infantil, tais como:

brincar de explorar o seu corpo em atividades de pular, rolar, se equilibrar, arrastar, se distanciar, cair, entrar, sair etc. Essas brincadeiras resgatam lembranças arcaicas deixadas no corpo das crianças quando eram bebês, na medida em que eram manipuladas por seus pais ou por outros adultos e, também, no início das principais aquisições motoras, a partir da segurança material e afetiva que a sala lhes propicia, elas se permitem descobrir as possibilidades de exploração do corpo e, automaticamente, buscar o prazer. (PINTO, 2011, p. 103).

Desse modo, as demandas da Educação Infantil são complexas e essenciais para o desenvolvimento sadio e harmonioso dos infantes, uma vez que, em dados momentos, além de satisfação e alegria, “a exposição de seus corpos pode gerar sentimentos, como raiva, vergonha e medo” (TOLEDO, 2011, p. 141). Essas dimensões necessitam ser consideradas pelo docente dessa área, pois auxiliam aos pequenos a lidarem de forma positiva com os seus limites e suas possibilidades corporais:

para que a criança vivencie toda a sua psicomotricidade e possa refletir sobre o uso do seu corpo no dia a dia, é necessário que haja um espaço para isso nas instituições infantis, tanto espaço físico como uma ideologia que reconheça a importância do movimento no seu aprendizado, é preciso que as crianças se sintam acolhidas, e ao mesmo tempo, confiantes para experimentar com segurança os mais diferentes movimentos, e desta forma, poderão vivenciar seus corpos de maneiras diversas, tanto em relação à motricidade quanto à expressão. [...] Para que esse trabalho possa ocorrer de maneira satisfatória, é necessário que o profissional da pré-escola esteja muito atento à expressão do seu próprio corpo e à maneira como seus movimentos respondem às necessidades e às manifestações afetivas da criança. (TOLEDO, 2011, p. 141).

Logo, parafraseando Toledo (2011) e dialogando com os principais aportes legais da Educação Infantil mencionados até aqui, tais documentos apontam a todo instante para o caráter psicomotor do movimento, pois o aborda para além da motricidade e do instrumental, encarando-o como algo subjetivo e expressivo, exatamente como faz a Psicomotricidade. Dessa forma, serão apresentados no próximo tópico os dados e as discussões obtidas nas entrevistas concedidas para a pesquisa de campo deste trabalho.

## **4 COM A PALAVRA, OS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL: APRESENTAÇÃO DAS ENTREVISTAS E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Nesse capítulo será apresentado o resultado dos depoimentos dos professores que vivenciam no dia a dia no chão das escolas diretamente com as crianças e depõem sobre suas experiências e como suas práticas dialogam tanto com a Psicomotricidade bem como com os referenciais teóricos que tratamos nos escritos anteriores.

Todavia, antes que se possa prosseguir, faz-se necessário esclarecer que as entrevistadas e suas respectivas identidades e seus locais de atuação foram preservados e trocados por letras aleatórias. As profissionais têm suas experiências no campo da Educação Infantil tanto no setor público quanto privado, com crianças de zero a seis anos de idade, em diferentes municípios do Rio de Janeiro. São elas as professoras “E”, “K”, “N”, “R” e “Y”.

### **4.1. A afetividade como propulsora no processo de socialização, entendendo o afeto como potência que move o corpo**

Com relação ao objetivo específico de refletir sobre a afetividade como propulsora no processo de socialização, entendendo o afeto como potência que move o corpo, as entrevistadas responderam as seguintes perguntas: que tipo de relações de afeto você considera importante no espaço escolar? É possível garantir os vínculos afetivos na escolar? Considerando o afeto como potencializador de aprendizagem e desenvolvimento, você teria alguma experiência para exemplificar?

Bom na minha prática ela é constante. Quando você se relaciona automaticamente você está criando laços. E educação Infantil é isso: é você brincar, é você interagir, é você participar. Então, isso tudo contribui com a minha prática e vamos dizer assim tem sido um grande desafio, porque educação infantil é a base, não é? Então, quando você cria laços na EDI, automaticamente, a aprendizagem, ela vai ser muito mais significativa para esse aluno no decorrer da vida dele escolar. Quanto às relações de afeto, eu acredito que o toque é essencial. É criar vínculo e afeto. O abraço, o aperto de mão e, agora, com essa situação de Coronavírus, estão assustadas. Eu fico imaginando como é que vai ser daqui para frente esse afeto, se você não pode tocar, se você não pode abraçar, se você não pode beijar, não é? Então assim, são questões a se pensar, porque, se a gente se assusta com essas coisas, o afeto, eu acho que ele vai ser comprometido. (Professora E).

Sim, com certeza. Inclusive, nós temos que ter essa preocupação de proporcionar um ambiente favorável ao desenvolvimento desse vínculo

afetivo. Porque através desses vínculos a criança vai aprender com muito mais facilidade e com a socialização. E só existe socialização se houver uma harmonia entre as crianças e para isso tem que haver o vínculo afetivo. Eu não vou citar para você uma experiência. Porque no trabalho que eu realizo essa potência que é a afetividade, ela perpassa o tempo todo pelas atividades, pelas relações, para mim não cabe um desenvolvimento infantil separado dessa afetividade, é difícil de explicar isso. Eu principalmente que trabalho com a Educação Especial na Pré-escola, a afetividade está o tempo todo passando aí por tudo o que a gente realiza com a criança. Com a criança em relação ao grupo, com o grupo em relação à criança. Porque nós trabalhamos com a inclusão e mesmo não tendo a inclusão, e mesmo sendo um trabalho com crianças típicas, na educação infantil, principalmente, essa potência da afetividade ela é o tempo todo utilizada no trabalho. Não que isso não aconteça com os mais velhos, mas, na criança, isso é muito espontâneo. (Professora K).

Geralmente, é na prática de atividades lúdicas, principalmente, na Educação Infantil, que é o segmento que eu atuo, em parcerias ou em pequenos grupos. Na Educação Infantil, é... eu acho que todas as relações espontâneas da criança. Todas as que tragam algum tipo de prazer na relação entre eles. Trabalhar o afeto é de grande importância na Educação Infantil, assim diz Wallon. O mais importante, eu acho, que é a relação... não é... relação... é a interação um com o outro. Isso que é muito importante porque desenvolve a criança como sujeitos plenos de direitos. O Educador, ele pode ser essa ponte, que vai fazer essa ligação do afeto, a criança e o afeto, construir juntos. Claro que sim, é possível sim construir, com certeza. E eles podem não só fazer essa construção, esse desenvolvimento de construção, como também fortalecer, que eu acho que é o mais importante, não é só construir. Mas sempre estar fortalecendo esses vínculos para que possamos fazer com que as crianças demonstrem essa afetividade sem tabus, não é verdade? Eu acho que essa promoção de afetividade sempre fortalece o corpo, o ator que é a criança. (PROFESSORA N).

Sim, eu tenho uma experiência, no ano de 2019, ano passado eu tive, assim, uma turma muito difícil, uma turma muito agressiva, que, assim, eu nunca tinha tido uma turma tão, assim, agressiva, com “n” problemas de famílias, muito mexidos emocionalmente, e, assim, eu tive que trabalhar essa afetividade. Foi nas aulas de educação psicomotora que eu pude ter um olhar diferente para essas crianças, para toda essa demanda que estava junto com as crianças. Então, assim, eu tive um aluno cujo eu não vou dizer o nome. Mas ele sempre teve, desde quando iniciou na escola, ele começou com 4 anos, então ele foi para minha turma com 5. Então ele já tinha sido de uma outra professora, e ele já tinha problemas de comportamento, muito agressivo, a outra professora não conseguia, fez de tudo para que a mãe acompanhasse esse desenvolvimento e com tudo o que estava acontecendo com ele na escola. Então, quando ele foi para mim, não foi diferente. Só que ele ficou maior, entrou de 3 para 4 e já estava de 5 para 6 quase, e aí eu, assim, me senti muito perdida, mas com o estudo da Psicomotricidade, que ajuda muito o professor ter a postura, ter esse olhar mais amplo, ter esse encantamento, esse olhar de encantamento para aquela criança e ver que tudo é possível, basta a gente saber trabalhar. Fazer esse desenvolvimento, não é nem fazer o desenvolvimento, mas poder acompanhar essa criança e ter esse feedback dos responsáveis, que eu acho que é o mais importante o feedback dos responsáveis, para a gente poder passar desse obstáculo. Então, assim, no final de tudo, eu consegui, porque eu fui trabalhando essa agressividade nele, eu fui trabalhando essa socialização no grupo, através do afeto, eu propus várias atividades, até mesmo as que nós fizemos na educação psicomotora, eu trabalhei na minha turma. Eu trabalhei com artes, trabalhei com argila, trabalhei com jornal picado, com chuvas de papel, trabalhei com música, música instrumental, enfim, eu fui fazendo várias propostas para que eu

pudesse chegar a alcançar esse objetivo do afeto, e alcancei. Porque no final ele já conseguia se sentar, ele já conseguia fazer as atividades e foi comprovado pelo diagnóstico médico que é uma criança que tem transtorno, o TOD, que é Transtorno “Opressivo” Desafiador. Então, o que acontece, eu depois, no segundo semestre que eu consegui uma auxiliar, nós trabalhamos juntas e conseguimos esse retorno, tanto da criança, quanto da família. que conseguiu depois uma terapia para ele, uma psicóloga, todo um tratamento com psiquiatra, com pediatra e com neurologista. (Professora N).

Como que é visto o afeto na minha prática e a importância dele. O que é que acontece, na Educação Infantil são crianças, bebês ainda, que estão adentrando no ambiente, no primeiro ambiente fora da família, o primeiro ambiente de socialização depois da família. Então, a criança quando chega, ela entra em adaptação daquele ambiente, tanto a criança, quanto a mãe, o responsável. E nesse momento, o afeto é primordial nessa etapa, é o que sustenta, uma das bases da Educação Infantil, né? O olhar, o acolher. O acolher aquela família com aquela criança, com aquele bebê. Então, assim, é muito importante que, o perfil desse profissional seja baseado assim no afeto, no acolhimento, na sensibilidade, de observar todo esse engajamento da família que está retirando aquela criança do ambiente dela e colocando em outro, com outras pessoas, no caso, os professores, os profissionais. (Professora R)

Nesse momento da adaptação, que a criança chega junto com a mãe, com o seu responsável, o corpo que essa criança tem é o da mãe. O corpo conhecido dentro daquele ambiente, então, é, o contato fica, é mais sucinto é numa troca de um objeto, é pegar um objeto para aquela criança. O elo de ligação entre nós profissionais e a criança é, às vezes, um objeto, porque aquela criança, ela pode não estar disponível naquele momento para o contato. O contato da mão, no corpo dela, não é o momento muita das vezes, e o professor tem que entender isso, tem que estar aberto a isso, não importunar aquela criança de primeiro momento, é mais o olhar. O olhar, o observar aquela criança, estar com o olhar sensível, observar. (Professora R).

É importante também falar que essa criança só vai confiar se ela perceber no profissional o olhar acolhedor, o olhar de afeto para ela, só vai confiar se houver isso e a confiança. A confiança gera também, ela traz consigo o aprendizado daquela troca de interação entre o professor e o aluno. Então, tudo está ligado lá no começo, no olhar afetivo, no afeto daquele primeiro contato, do acolhimento, que é o olhar do afeto, que depois vai progredindo na troca, é um objeto aí vai desenhando a relação, do professor/aluno e do profissional de educação infantil e a criança. (Professora R).

Eu acredito que todo mundo se afeta a todo instante no espaço escolar, não é? Relação de equipe para equipe, de professores, de auxiliares, das merendeiras, da equipe da direção, do pessoal da conservação da escola, então, eu acho que todo mundo se afeta o tempo todo. E aí, é esse afeto que eu acho extremamente importante, porque é o que vai dizer, que ambiência esse espaço vai ter, para receber essas crianças e, o afeto entre as famílias e professores, equipe e tudo mais..., aquele ambiente, e crianças, entre crianças, crianças entre professores. É, as pessoas podem se afetar positiva ou negativamente. Então, ter bons afetos, eu acho que é fundamental para esse trabalho da Educação Infantil. Porque todo esse clima pesa, pesa sobre o professor, as condições muitas vezes são desfavoráveis. Então, se você tem um ambiente agradável, uma equipe agradável para trabalhar, as coisas ficam mais tranquilas, sabe? Mas essa relação de afeto acho que é importante para todos os sujeitos que atravessam o portão da escola. (Professora Y).

Eu diria que é imprescindível garantir os vínculos afetivos na escola. Sobretudo, na Educação Infantil. Acho que em todos os níveis. É impossível não se afetar e ser afetado na escola. Mas, é imprescindível. É garantir os vínculos afetivos até para depois da escola, mesmo tendo saído do município já há um ano e meio, eu continuo com todos os meus vínculos afetivos, com crianças, com famílias, com amigos que eu fiz. É impossível não se construir um vínculo afetivo na escola. (Professora Y).

A partir das respostas apresentadas, podemos perceber que a entrevistada E apresenta o brincar como condição do afeto, condição para criar laços. Enfatiza que isso torna a aprendizagem significativa. Destaca também a importância do toque nas relações de afeto: abraço, aperto de mão, beijo. Diante da pandemia de COVID-19, relata também os desafios no retorno às aulas com a impossibilidade do toque: o quanto isso pode prejudicar as relações de afeto?

A entrevistada K contribui ao relacionar os vínculos afetivos à aprendizagem e à socialização. Para ela, a afetividade perpassa todas as relações e vivências no ambiente escolar, o que coaduna com a fala da entrevistada Y: “Eu acredito que todo mundo se afeta a todo instante no espaço escolar, não é?”. A entrevistada Y acrescenta que os afetos podem ser positivos ou negativos, por isso a importância de cuidar da qualidade desses afetos e ela finaliza uma de suas falas com a seguinte conclusão: “Mas essa relação de afeto acho que é importante para todos os sujeitos que atravessam o portão da escola.”. Portanto, para além das relações com as crianças, é importante perceber e cuidar das relações também entre os adultos da comunidade escolar.

A fala da Professora N, por exemplo, aborda sobre a importância da interação com o outro e do desenvolvimento da criança como sujeito pleno de direitos mediatizadas pelo afeto. Em que, ela diz: “[...] é a interação um com o outro. Isso que é muito importante porque desenvolve a criança como sujeito pleno de direitos. O educador, ele pode ser essa ponte, que vai fazer essa ligação do afeto, a criança e o afeto, construir juntos”.

A professora R fala sobre o olhar acolhedor, o olhar sensível, o olhar do afeto, que é essencial nesse processo, pois somos regidos e impulsionados por essa potência da afetividade. Guattari (2019) ressalta a tríade ecológica que abrange o meio ambiente, os relacionamentos sociais e a subjetividade humana, que são elementares em toda essa dinâmica que ocorre no espaço infantil. Wallon (apud GALVÃO, 2018) também realça que a afetividade é um dos campos funcionais de suma importância para o desenvolvimento infantil e esse olhar ressaltado pela

entrevistada e o acolhimento sugerido por ela são primordiais para que os pequeninos sejam afetados de modo positivo pelas relações de afeto ocorridas nesses espaços.

Mediante as experiências, relatos das professoras e as análises trazidas até aqui, podemos concluir o quanto são importantes os vínculos afetivos criados no ambiente escolar e o quanto as relações de afeto são necessárias na Educação Infantil. Além disso, a afetividade é fundamental para o processo de socialização e potencializadora dos movimentos corporais, o que corrobora com o objetivo principal desse tópico. Portanto, em consonância com o que já foi dito ao longo deste estudo, “a criança se sente bem para realizar e trocar possibilidades de comunicação e assim compreender que existem relações significantes que cooperam corporalmente” (ALVES, 2016, p.153).

#### **4.2 Os principais documentos legais na área da Educação Infantil sobre a importância das relações de afeto para o desenvolvimento infantil no ambiente escolar pelo olhar da Psicomotricidade**

Para esse objetivo, as questões norteadoras foram as seguintes: você faz alguma relação das leis que norteiam as práticas na Educação Infantil com a questão do afeto na escola? Se faz, quais leis você destacaria? Algum artigo específico? O que você entende por Psicomotricidade? Você percebe alguma relação das DCNEI com a Psicomotricidade? A Nova Base (BNCC) orienta os campos de experiências e os direitos de aprendizagem. Você acha que eles, de alguma forma, têm relação com a Psicomotricidade? Por quê? Que tipo de educação seria necessária para atender ao público infantil contemporâneo?

As entrevistadas responderam o seguinte:

A Psicomotricidade é relacionamento. É envolvimento. É movimento. É isso, é ligada à nossa vida. É, e as pessoas, infelizmente, não têm essa dimensão, até nós mesmos também como estudantes e futuros psicomotricistas, a gente depois de nos formar nós temos que ter essa noção, nessa dimensão mais clara. Mas, a Psicomotricidade é isso: é vida. (PROFESSORA E).

Sim, porque nesse documento aparece como eixo as interações e as brincadeiras da Educação Infantil. Sendo assim, a Psicomotricidade estará presente com certeza no meio dessas interações e brincadeiras, favorecendo o desenvolvimento das crianças e as relações entre eles. (PROFESSORA K).

Sim, tem relação, porque a base da Psicomotricidade também trabalha o eu, o outro e o nós, principalmente através do brincar e do se expressar. Então, eu acho que está diretamente relacionada à Psicomotricidade.

(PROFESSORA K).

Eu acredito que uma educação que dê ouvidos às necessidades das crianças, às vivências que essas crianças já têm para que sejam ampliadas. Não uma coisa imposta por nós e, sim, que parta do interesse delas. (PROFESSORA K).

Bem, nas minhas palavras, eu entendo como sendo uma ciência que estuda e define o ser humano como um todo. Não somente como o físico e não somente como cognitivo. Seria a união de tudo isso, formando o indivíduo. Não repartindo esse indivíduo em partes para defini-lo. Uma ciência que tem um olhar amplo sobre o indivíduo, sobre todas as suas possibilidades e potências. (PROFESSORA K).

A Psicomotricidade é a ciência que estuda o corpo, que estuda o sujeito com o seu corpo, tanto físico, quanto mental, quanto emocional, uma ciência tão completa que ela trabalha o movimento, do sujeito e como esse sujeito se ocupa no espaço e no tempo. Então, assim, a Psicomotricidade... ela trabalha essa parte também do afeto. (PROFESSORA N).

No meu caso, eu acho importantíssimo usar, eu sempre utilizo porque pode nortear o meu trabalho, você tem um desenvolvimento melhor do seu trabalho quando você segue as orientações, segue os documentos. E os documentos... eles te dão esse embasamento para que você possa desenvolver melhor a sua prática, então, assim, eu gosto muito das Diretrizes Curriculares para Educação Infantil, a BNCC, agora ela fez, que é um documento mais recente, então, ela fez, assim, um resumo dos documentos mais antigos, então eu acho que é importantíssimo é... que dividiu também os campos de experiências, então tem vários campos que você pode trabalhar essa afetividade, a escuta, o eu, o pensamento, o outro e o nós, então, assim, te dá esse norte, para você saber qual o seu ponto de partida e aonde você quer chegar. (Professora N).

A Psicomotricidade é ciência que estuda o sujeito de uma forma muito ampla nas relações, com ele mesmo, com o outro e com o objeto, e não só isso, mas trabalha essa parte física, externa, quanto interna, a parte mental, a parte emocional, e através desse olhar da Psicomotricidade, o sujeito pode ser visto na sua comunicação corporal, o corpo, ele fala sem falar verbalmente, mas com a sua tonicidade, então, a Psicomotricidade... ela desenvolve isso tudo. (PROFESSORA N).

Eu acho que tem uma relação com a Psicomotricidade. E por quê? Porque na Educação Infantil, a criança... ela aprende através das interações, das brincadeiras, do jogo simbólico e, na Psicomotricidade, o jogo simbólico é muito importante, até mesmo para se fazer uma terapia psicomotora, então, assim, tem essa relação sim, até porque tudo o que passa pelo nosso corpo é mais significativo, e, na Educação Infantil, esse esquema corporal, tudo que envolve essa tonicidade do nosso corpo é importantíssimo para desenvolver a criança tanto cognitivamente como emocionalmente, então eu acho que tem sim essa relação. (PROFESSORA N).

Bom, na Educação Infantil, como eu falei, os eixos norteadores são as interações e brincadeiras e, mesmo que a tecnologia, que as crianças estão imersas a essa tecnologia toda, eu acho que é muito importante nós trabalharmos essas interações e brincadeiras, mesmo que tenha fatores externos. Como, por exemplo, a pandemia e a gente não sabe como vai ser daqui para frente. Mas, essa relação é muito importante. Mesmo que nós estejamos imersos a essa tecnologia, as crianças mais ainda, por hoje em dia estarem mais brincando com o seu celular no seu computador do que interagindo com as outras crianças, então eu acho que é muito importante

para o seu corpo, para o seu desenvolvimento pleno. (PROFESSORA N).

Esses três pilares que eu fiz questão de procurar para você, porque são muito importantes também sabe, no campo afetivo. Principalmente o estético, não é? Tem a ética, a política e a estética. A estética é onde a criança vai dar vazão à sua criatividade, à sua cultura, enfim, toda a criação dela e fala da sensibilidade. O que é a sensibilidade? Sensibilidade é própria de sentimentos, de afetos, e toda a criação da criança faz parte do que ele está sentindo no momento, qual a carga de sentimentos ela está produzindo ali, qual o nosso olhar para a produção da criança, tem que estar muito paralelo ao que ela está sentindo também, a nossa troca. Quando aquela criança cria, ela quer partilhar, compartilhar com quem ela está interagindo, ela quer mostrar a sua produção, e nós, como mediadores, temos que demonstrar estímulos, né? Para que aquela criança consiga ter prazer, consiga não, porque ela já tem prazer. A gente não dá prazer para a criança, ela já tem dentro dela o prazer, então nós temos que vibrar, estar junto naquele momento com ela, na hora da criação, seja artista, na hora que ela se sinta frustrada, é o campo da sensibilidade da criança. (PROFESSORA R).

Nesse tópico que aborda sobre as leis norteadoras da Educação Infantil pelo viés da Psicomotricidade, podemos verificar na fala de todas as entrevistadas a importância das leis e o quanto as interações e brincadeiras, que são os eixos norteadores dessa etapa da educação básica, estão presentes nessa fase da vida. A professora K, por exemplo, resgata sobre o eu, o outro e o nós que estão presentes nessa Ciência e que também é um dos campos de aprendizagens previstos na BNCC.

A professora E comenta a Psicomotricidade como relacionamento, envolvimento, movimento e tudo o que condiz à nossa vida o que dialoga de modo preponderante com a articulação de Alves (2012), de que “a Psicomotricidade existe nos menores gestos e em todas as atividades que desenvolve a motricidade da criança, visando ao conhecimento e ao domínio do seu próprio corpo” (ALVES, 2012, p. 144).

A professora N discorre a Psicomotricidade como a Ciência que investiga a pessoa com “o seu corpo, tanto físico, quanto mental, quanto emocional, uma ciência tão completa que ela trabalha o movimento, do sujeito e como esse sujeito se ocupa no espaço e no tempo”. Nesse sentido, Alves diz que:

O movimento e sua aprendizagem abrem um espaço para desenvolver: habilidades motoras que levem a criança a aprender a conhecer seu próprio corpo e a se movimentar expressivamente; um saber corporal que deve incluir as dimensões do movimento, que indiquem estados afetivos até representações de movimentos mais elaborados de sentidos e ideias, oferecendo um caminho para trocar afetividades. [...] (ALVES, 2012, p. 148).

Quanto à legislação da Educação Infantil, a professora N diz nortear sua prática e auxiliá-la no desenvolvimento de suas atividades.

A entrevistada R enfatiza os três pilares que estão presentes nesse âmbito, que são o estético, o político e o ético. Ela explica que a estética é diz respeito ao campo no qual os pequenos desenvolverão sua criatividade, produzirão sua cultura. Traz uma definição de sensibilidade que muito tem a ver com a Psicomotricidade, carregada de afeto: “Sensibilidade é própria de sentimentos, de afetos, e toda a criação da criança faz parte do que ela está sentindo no momento, qual a carga de sentimentos ela está produzindo ali, qual o nosso olhar para a produção da criança [...]”. Conforme as diretrizes, também tem os princípios éticos: “da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades”, e os políticos: “dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática”. Os três ocorrem de forma indissociável.

Nesse sentido, em conformidade com a exposição das entrevistadas nesse tópico, os principais documentos legislativos da área da Educação Infantil são importantes para o desenvolvimento infantil no ambiente educativo pelo viés da Psicomotricidade e para suas respectivas práticas no cotidiano.

#### **4.3 A contribuição da Psicomotricidade no trabalho desde a primeira infância, para a formação plena do indivíduo, a partir das relações de afeto entre corpos e destes com o meio ambiente**

Quanto ao objetivo específico de pesquisar a contribuição da Psicomotricidade no trabalho desde a primeira infância, para a formação plena do indivíduo, a partir das relações de afeto entre corpos e destes com o meio ambiente, as questões que nortearam essa parte da pesquisa de campo foram as seguintes: Você realiza atividades psicomotoras com as crianças? Com que frequência? Quais são elas? Essas práticas, você acha que, de alguma maneira, contribuem no processo de ensino e aprendizagem e na construção de identidade das crianças com quem trabalha? Por quê? Você trabalha sistematicamente as relações sociais das crianças? O que seria necessário observar no comportamento delas para uma melhor intervenção psicomotora? Em sua prática cotidiana, você observa como os corpos infantis se expressam? Eles te revelam alguma coisa que possa modificar o seu cotidiano? E as entrevistadas responderam:

Bom... eu sempre realizei. Só que eu só me dei conta no curso. Porque, assim, você, raramente, você escuta pessoas falando sobre a Psicomotricidade. Eu mesma, eu vim fazer o curso sem ter noção nenhuma, nem eu sabia o que era, eu vim no escuro. E, assim, me surpreendi porque já era algo que fazia com os meus alunos, sempre gostei muito de deixá-los à vontade, brincando ao ar livre ou então direcionando as brincadeiras, mas tudo com um propósito. Porque você tem um propósito, tem que ter um objetivo, não é? E a Psicomotricidade sempre esteve envolvida na minha prática. Se não tem Psicomotricidade, não é Educação Infantil. (PROFESSORA E).

Eu trabalho frequentemente, porque a Educação Infantil é você brincar também. Através do brincar você aprende, não é? Eu gosto muito de observá-los quando eles estão brincando, e como que é incrível, eles se percebem muito. Eles já conhecem o que o outro tem até de negativo. “olha, ele fez isso” “isso não está certo, não é tia?” “não é certo beliscar os colegas, rabiscar a mesa, se sujar a gente tem que jogar na lixeira o papel, jogar a ponta do lápis”. Então, assim, isso tudo é contribuir para educação deles não só escolar, mas como também para a vida. Porque se a gente não se observa, se a gente não compreende o outro e as suas limitações está faltando alguma coisa, e analisar o comportamento deles é nas pequenas coisas, aprender essa convivência. Nas pequenas coisas, como é uma escola de horário integral. Então assim, eles passam mais tempo comigo do que com a própria família na verdade. Então, eu tenho muito tempo para observá-los assim praticamente todos os dias em toda rotina da escola, eu aproveito o momento do sono, assim são hábitos que acontecem que de forma involuntária eu acabo prestando atenção. Na hora do almoço, na hora do sono, na hora que eles chegam à escola. Tudo contribui para a gente analisar o comportamento deles assim sem precisar colocar uma atividade restrita e direcionada, eles mesmo já dão todo material para fazermos essa avaliação. (PROFESSORA E).

Eu, pessoalmente, não realizo atividades psicomotoras, porque o meu atendimento ele é mais de orientação aos professores. Eu não atuo diretamente com a criança. São algumas professoras dos locais onde eu visito, professoras de Educação Física que têm especialização em Psicomotricidade, ou que tenham um olhar mais voltado para a Psicomotricidade que utilizam sim, é... alguns recursos da Psicomotricidade para as turmas e os meus alunos que possuem questões motoras, deficiências, são atendidos por especialistas em clínicas fora da escola. Então, eu não tenho essa vivência ainda diretamente com a criança. Na Educação Infantil, quando eu estava com turma, eu realizava atividades em que o psicomotor estava ali embutido, na verdade, nas atividades, mas não com essa função de trabalhar a Psicomotricidade, eles estavam, porque a Psicomotricidade, na verdade, na Educação Infantil, para mim, ela está em tudo que a criança realiza. E a gente pode sim favorecer o ambiente, favorecer com materiais, para que a criança possa ter experiências psicomotoras, isso eu fazia sim, quando planejava atividades, principalmente, atividades ao ar livre, em que a gente utilizava materiais, como bambolê, bola, corda, mas eram atividades livres, não eram atividades que tinham um objetivo psicomotor. (PROFESSORA K).

Sim, porque através dessas práticas a criança vai tomando a consciência do eu, da sua identidade, do seu corpo, do outro, do que está em torno dela, do coletivo, de tudo o que está no seu entorno em relação a ela, e a si mesma, não é? É, através desses conhecimentos, que a criança vai se constituindo, vai se construindo enquanto pessoa. (PROFESSORA K).

Acho que, em primeiro lugar, observar como ela se vê, se ela se aceita como ela é. Se ela se conhece, se ela tem essa consciência do eu e como que ela estabelece as relações com o outro e com o ambiente, como que ela se

coloca de que forma que ela se relaciona, se é de uma forma agressiva, se é de uma forma carinhosa, se é de uma forma autoritária, como que ela se relaciona com o outro e com o ambiente que a cerca, os objetos nos materiais, para que a gente possa utilizar as bases da Psicomotricidade, para que a gente possa tentar é... oferecer oportunidade a essa criança de desenvolver as relações com o outro e com o ambiente a partir de si mesma, se respeitando e respeitando o próximo e o ambiente. (PROFESSORA K).

Sim bastante, porque a criança usa muito o corpo para expressar os seus sentimentos, os seus desejos, ela tem muita espontaneidade nessa expressão. Nós adultos, já temos um filtro, nós já nos policiamos, quando nós não queremos demonstrar para o outro alguma fraqueza, alguma insatisfação, e a criança por não ter ainda esse filtro ela expressa de uma forma muito espontânea os desejos, as insatisfações de modo que a gente sente, a gente assimila essa energia vamos dizer assim que essa criança transmite. Por isso que muitas vezes a gente quando se aproxima de uma criança. Se essa criança está em um momento bom feliz, ela transmite para a gente essa alegria e a gente se contagia, então, e o mesmo acontece quando a criança também está muito irritada e insatisfeita ela também transmite para a gente essa insatisfação e nos aborrece e nos causa tristeza também, então eu acho que o corpo da criança fala muito. Por isso que a gente deve estimular bastante, através, principalmente da psicomotricidade, que ela se expresse cada vez mais através desse corpo. Porque muitas vezes como eles não sabem expressar, esses sentimentos podem ficar guardados, e de alguma forma, depois esses sentimentos vão ter que sair, e às vezes de uma forma que não é agradável, então é bom que eles desde pequenininhos consigam, exercitem essa forma de se expressar, também através do corpo; (PROFESSORA K)

Depois que eu iniciei o curso de educação psicomotora no Pedro II, de especialização, uns meses depois eu comecei a fazer algumas práticas psicomotoras com a minha turma, conforme eu relatei na outra pergunta que você fez se eu tinha alguma experiência, e a partir daí eu fui realizando essas práticas para poder trabalhar todas essas questões de agressividade, de afetividade, então... eu sempre gosto de fazer pelo menos umas duas vezes na semana, é... trabalhar essas vivências, essa prática no caso. (PROFESSORA N).

Sim, é muito importante, por quê? Porque através das práticas né, eu observo como é o agir daquela criança, como aquela criança está se relacionando, como aquela criança é, quais os tipos de ações que ela está tendo. Então tudo isso serve, de forma natural, é claro, mas isso tudo serve para quê? para que eu possa passar aquela segurança para ela, para que elas se sintam seguras, para poder construir a sua autonomia, a sua identidade, eu acho que isso é muito importante por esse motivo. (PROFESSORA N).

Conforme eu falei, quando a gente faz essa intervenção psicomotora, a gente tem que observar bastante. Observar o que? As suas ações, os seus gostos, o seu envolvimento socioafetivo, a parte cognitiva também, a parte psicomotora, então eu acho que isso é importante. Quando, para você fazer alguma intervenção, antes você tem que fazer isso. (PROFESSORA N).

Com certeza, até assim, nessa observação inicial, por exemplo, na segunda-feira, eu começo a planejar aquela semana, observando a tonicidade daqueles corpos, o que eles querem, porque os corpos falam, não é? As crianças falam também, mas o próprio corpo da criança fala, então você tem que partir desse princípio também, o que é que essa criança traz para você, essa escuta dos corpos, não é? (PROFESSORA N).

Muitas das vezes, fazemos o papel da mãe, constantemente tem esses

papéis contundidos da mãe, do profissional da Educação Infantil, a criança fica dentro da creche oito, nove, dez horas por dia, então, ali, nós vivenciamos com elas as primeiras palavras, os primeiros passos, o desfralde, as angústias. A hora de dormir, a hora de acordar, que aí já faz parte da rotina mesmo, e temos que ser sensíveis para tudo, com tudo o que acontece com a criança. O corpo, as sensações, os sentimentos. Ainda mais aquela criança que chega na creche e não sabe falar ainda o que sente e muita das vezes é com o choro, então, como não ter afeto, um afeto e um acolher neste momento das crianças? É importante também falar que essa criança só vai confiar se ela perceber no profissional o olhar acolhedor, o olhar de afeto para ela, só vai confiar se houver isso e a confiança, a confiança gera também, ela traz consigo o aprendizado daquela troca, daquela troca de interação entre o professor e o aluno. Então, tudo está ligado lá no começo, no olhar afetivo, no afeto daquele primeiro contato, do acolhimento, que é o olhar do afeto, que depois vai progredindo na troca, é um objeto, aí vai desenhando a relação, do professor/aluno e do profissional de educação infantil e a criança. As experiências de que o afeto atingiu aquela criança, é quando, isso, acontece cotidianamente da criança não querer ir para a casa, de não querer ir na hora da saída com sua mãe, o seu pai, o seu responsável, enfim, foi buscá-la e ela não querer voltar para a casa, é quando, ali ela está se sentindo bem, ali ela é acolhida, ali ela não é só uma pessoa, mas todos, construíram aquele lugar de afeto para ela, a criança não querer ir embora, é, é querer não se desgarrar daquelas situações, daquelas vivências boas que ela teve ali, e eu já presenciei muito, muito isso. Então, as relações sociais, se dão através das... das interações. Não é? O que que acontece? A criança chega e o primeiro contato, os primeiros contatos é entre elas, entre elas, seus pares, e entre os adultos, são... as relações são assim construídas desta maneira. É nas brincadeiras e interações que elas vão construindo esses laços, as amizades, enfim. (PROFESSORA R).

A partir das respostas às entrevistas, podemos verificar que a entrevistada E menciona que a Psicomotricidade sempre esteve envolvida na sua prática e que, se não tiver Psicomotricidade, não existe Educação Infantil. Reforça também a importância do brincar para o desenvolvimento e aprendizagem e o quanto as brincadeiras contribuem nesse processo.

A entrevistada K relata que a Psicomotricidade está em tudo o que a criança realiza. Destaca, ainda, que o profissional da Educação Infantil pode criar um ambiente que favoreça a aprendizagem, oferecendo materiais que propiciem experiências psicomotoras com atividades ao ar livre, com uso de bambolê, bola, corda, por exemplo. Além disso, ressalta que através dessas práticas, a criança vai tomando consciência do seu próprio corpo, de sua identidade, do outro e de tudo que a cerca. Tudo isso faz com que se construa e se reconheça como sujeitos históricos e de direitos, como prevê as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

Já a entrevistada N, após seu ingresso no curso de Educação Psicomotora, passou a realizar práticas psicomotoras com seus pequenos e pôde trabalhar questões de agressividade, de afetividade, promotoras da construção de identidade e

de autonomia das crianças. Destaca, ainda, que a intervenção psicomotora permite observar a tonicidade dos corpos e que estes falam e, com isso, desenvolveu uma escuta sensível desses corpos, que estão o tempo todo a dizer seus sentimentos e emoções.

A entrevistada R compartilha de suas experiências na creche, em que os pequenos expressam suas emoções através dos choros, de seus corpos, que, em muitos casos, ainda não sabem falar, mas se comunicam por meio de suas expressões corporais. Enfatiza a importância do afeto e do acolhimento e assim estabelece com eles uma relação de confiança de forma que as crianças se sintam mais seguras. Além disso, em concordância com o que já foi dito pelas demais entrevistadas, reforça que as interações e brincadeiras são promotoras da construção de laços e amizades.

Desse modo, essas foram as palavras das professoras que vivenciam no seu cotidiano escolar experiências afetivas e psicomotoras no segmento da Educação Infantil nos espaços escolares que atendem a primeira etapa da Educação Básica. As questões foram levantadas para todas as cinco entrevistadas, mas a entrevistada Y pôde contribuir apenas com as questões do primeiro tópico, por isso ela não aparece nas falas dos tópicos posteriores.

Mediante as falas das profissionais entrevistadas pôde-se perceber que os vínculos de afetos estão presentes no dia a dia das crianças e no chão das escolas e o quanto a Psicomotricidade se faz necessária no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, o diálogo dessas experiências com as leis norteadoras da Educação Infantil se revela como de suma importância nessa dinâmica, legitimando o fazer pedagógico a partir das questões levantadas por teóricos, leis e professores que atuam no chão da escola.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Psicomotricidade é uma ciência que vem conquistando seu espaço e se tornando cada vez mais necessária na educação da primeira infância, contribuindo sistematicamente para o pleno desenvolvimento dos pequenos como assim objetiva os principais aportes legais da Educação Infantil.

Outrossim, as interações e relações de afeto da pessoa consigo própria, com o outro e com o meio que são construídas nos espaços escolares infantis são facilitadoras do desenvolvimento integral e oportuniza aprendizagens mais significativas e eficazes.

Nesse sentido, propiciar práticas psicomotoras desde a primeira etapa da educação de base pode possibilitar aos pequeninos que vivenciem experiências fundamentais para o processo de ensino e aprendizagem para o longo da vida e para o exercício de suas respectivas cidadanias.

É através das interações dentro dos espaços educativos que é privilegiado um bom repertório de atividades, que possa capacitá-los a portarem-se de modo adequado em diversas situações e como distintos atores. Nesta pesquisa, buscou-se investigar como práticas psicomotoras mediatizadas pela potência da afetividade poderiam ser de fundamental importância para desenvolver as capacidades motoras, psíquicas, cognitivas, intelectuais, sociais e emocionais das crianças.

Aprecio que uma pesquisa dessa natureza seja primordial tanto para a educação quanto para a sociedade como um todo. Dessa forma, pondero que a temática aqui explanada possui várias dimensões a serem exploradas devido à sua densidade e amplitude. Destarte, ela não se esgota neste trabalho, ficando, então, a dica para que outros estudiosos realizem pesquisas nessa área.

## REFERÊNCIAS

ABP- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE. Disponível em: <<https://psicomotricidade.com.br/>>. Acesso em 10 nov. de 2021.

ALVES, Fátima. **A Infância e a Psicomotricidade**: A pedagogia do corpo e do movimento. Rio de Janeiro: WAK, 2016.

ALVES, Fátima. **Psicomotricidade**: corpo, ação e emoção. 5. ed. Rio de Janeiro: WAK, 2012.

ALVES, Ricardo C. S. **O corpo do Professor**. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2013.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. [Tradução de Dora Flaksman]. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

BIZZO, Kátia. Reflexões e práticas sobre a TransPsicomotricidade no cotidiano da Educação Infantil. In: COSTA, Eduardo; LOVISARO, Martha. (Orgs.). **TRANSPsicomotricidade**: Psicomotricidade com base no pensamento complexo e transdisciplinar. Rio de Janeiro: WAK, 2013. p. 141-173.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)>. Acesso em: 12 de nov. 2019.

BRASIL. **Constituição Federal** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** / Secretaria de Educação Infantil. Brasília: MEC, SEB. Resolução n 5 de 17 de dez. de 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** / Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB. 2010. 36.p.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal 8.069/90, de 13 jun. 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMPELLO, Cristie de Moraes. Prefácio. In: RELVAS, Marta Pires. **Neurociência e**

**Transtornos de Aprendizagem:** as múltiplas eficiências para uma educação inclusiva. 6.ed. Rio de Janeiro: WAK, 2015.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon:** Uma concepção dialética do desenvolvimento Infantil. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 3ª reimpressão, 2018.

GLEIZER, Marcos André. **ESPINOSA** & a afetividade humana. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 1ª reimpressão, 2011. (Filosofia Passo-a-passo;53).

GUATTARI, Félix. **As três Ecologias**. 21.ed. [Tradução Maria Cristina F. Bittencourt]. Campinas, SP: Papirus, 2012. 7ª reimpressão, 2019.

LAPIERRE, André; LAPIERRE, Anne. **O adulto diante da criança de 0 a 3 anos:** Psicomotricidade relacional e formação da personalidade. 2. ed. Curitiba: UFPR: CIAR, 2010. 2ª reimpressão, 2019.

LEVIN, Esteban. **A Infância em Cena:** Constituição do sujeito e desenvolvimento psicomotor. 4. ed. [Tradução de Lúcia Endlich Orth e Ephraim Ferreira Alves]. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LIMA, Elvira Souza. **Currículo, Cultura e Conhecimento**. São Paulo: Inter Alia, 2007. (Coleção Fundamentos para a Educação).

MASTRASCUSA Celso; FRANCH, Núria. **Corpo em Movimento, Corpo em Relação:** Psicomotricidade Relacional no ambiente educativo. São Paulo: Evangraf, 2016.

PINTO, Kelly. A Psicomotricidade na Educação Infantil. In: FERREIRA, Carlos Alberto de Mattos; HEINSIUS, Ana Maria; BARROS, Darcymires do Rêgo (Orgs.). **Psicomotricidade Escolar**. 2. ed. Rio de Janeiro: WAK, 2011. p. 97-113.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky:** Uma perspectiva histórico-cultural da Educação. 25. ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2019. 4ª Reimpressão.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. 2. ed. [Tradução Tomaz Tadeu]. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 9ª Reimpressão.

TOLEDO, Sabrina. Psicomotricidade e Expressão Corporal na Educação Infantil. In: FERREIRA, Carlos Alberto de Mattos; HEINSIUS, Ana Maria; BARROS, Darcymires do Rêgo (Orgs.). **Psicomotricidade Escolar**. 2. ed. Rio de Janeiro: WAK, 2011. p. 139-154.

## **APÊNDICE A – RELATO CRÍTICO SOBRE O PROCESSO DE SUBMISSÃO AO COMITÊ DE ÉTICA E À PLATAFORMA BRASIL**

Neste apêndice, apresento uma breve crítica aos procedimentos burocráticos que são necessários para submeter uma pesquisa à Plataforma Brasil.

É desanimadora e cansativa a burocracia enfrentada para realizar entrevistas com profissionais da área, uma vez que demanda observar calendário e detalhes pormenores, muitas vezes inadequados à área pesquisada, que poderiam ser bem mais facilitadores do que tendenciosos a uma desistência e deixar de agregar com as experiências humanas. Este projeto foi submetido à Plataforma e aprovação pelo Conselho de Ética do Colégio Pedro II e, após várias tentativas, finalmente foi conquistado o tão esperado “aprovado”.

Acredito que o fato de a Plataforma Brasil não ser adequada às pesquisas na área da Educação muito menos na área da Psicomotricidade – já que a Plataforma se refere às pesquisas na área da saúde – faz com que esse processo seja penoso, difícil de adaptação e desestimulante.

Cabe ressaltar que, desde que, aos alunos do curso de pós-graduação lato sensu em Educação Psicomotora (360h para serem concluídas no período de 1 ano), foi exigido submeter a pesquisa a essa Plataforma, apenas duas alunas (eu e mais outra) se aventuraram a fazer pesquisa de campo, o que evidencia o quanto se perdeu em outras pesquisas que poderiam fazer a relação com a prática, como acontecia nos anos anteriores, e que agora se limitam às pesquisas bibliográficas, dado o tempo que temos para estudar, pesquisar, submeter, ir a campo, concluir e defender a pesquisa.

Considerando que a pesquisa de campo enriquece a investigação e dá vida ao trabalho e que a ética em pesquisa é fundamental, é preciso refletir mais sobre o que é ou não é ético em pesquisa na área da Educação Psicomotora especificamente e, assim, buscar formas mais adequadas de controlar a ética nas pesquisas sem que isso desestime e enfraqueça a qualidade das pesquisas realizadas na academia.

## **ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – MAIORES DE IDADE**

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa **Psicomotricidade e afetividade nas relações de ensino e aprendizagem na Educação Infantil**, realizada no âmbito do PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA no CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PSICOMOTORA e que diz respeito um trabalho de conclusão de curso de graduação/especialização.

**1. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA:** este trabalho busca apresentar um estudo sobre a Psicomotricidade e afetividade nas relações de ensino e aprendizagem na Educação Infantil, com o objetivo de investigar a importância da Psicomotricidade no espaço de Educação Infantil como promotora de aprendizagens significativas e facilitadoras do desenvolvimento integral da criança, por meio das relações de afeto do indivíduo consigo próprio, com outros corpos e com o ambiente. Para tanto, há a pretensão de refletir sobre a afetividade como propulsora no processo de socialização, entendendo o afeto como potência que move o corpo; analisar os principais documentos legais na área da Educação Infantil sobre a importância das relações de afeto para o desenvolvimento infantil no ambiente escolar pelo olhar da Psicomotricidade; e pesquisar a contribuição da Psicomotricidade, no trabalho desde a primeira infância, para a formação plena do indivíduo, a partir das relações de afeto entre corpos e destes com o meio ambiente. Como procedimentos metodológicos, a proposta é de pesquisa qualitativa bibliográfica, documental e utilizará recurso de entrevista semiestruturada com profissionais da área da Educação. Para a realização deste trabalho, autores do campo de investigação sobre o afeto e a educação psicomotora devem ser destacados, a saber: André Lapierre (2019), Fátima Alves (2012), Spinoza (2019), Mastrascusa e Franch (2016), Guattari (2012) e Galvão (2018), dentre outros.

**2. OBJETIVO:** O objetivo do estudo é investigar a importância da Psicomotricidade no espaço de Educação Infantil como promotora de aprendizagens significativas e facilitadoras do desenvolvimento integral da criança. Por meio das relações de afeto do indivíduo consigo próprio, com outros corpos e com o ambiente.

**3. PROCEDIMENTOS:** a sua participação consistirá em nos ajudar a enriquecer este estudo, com um roteiro de questões semiestruturadas pertinentes ao objetivo proposto de acordo com suas experiências, em que haverá uma pesquisa de campo, em forma de entrevista, com perguntas abertas, com recurso de gravador de voz para, posteriormente, ter as respostas transcritas. O questionário será composto por perguntas norteadoras, mas aberto a outras questões que possam surgir no decorrer da entrevista.

A entrevista será realizada com 5 (cinco) a 7 (sete) profissionais da Educação Infantil, sendo que todos fazem parte da turma 4 (2019/2020) de pós-graduação em Educação Psicomotora do Colégio Pedro II, com previsão para o primeiro semestre de 2020, com a condição do projeto ser submetido à Plataforma Brasil e ter aprovação no Conselho de Ética, do Colégio Pedro II.

Considerando o momento atual, no qual prioriza-se o isolamento social em função do combate ao Coronavírus (AVID-19) em escala mundial, o TCLE e o texto de apresentação da pesquisa serão enviados por e-mail para cada entrevistado, solicitando que vocês assinem e façam a devolução do TCLE também por e-mail, tornando-se desnecessário o contato presencial para, assim, minimizar os riscos de contaminação pelo vírus AVID-19.

Após a autorização assinada, a entrevista será realizada por meio do aplicativo WhatsApp, por áudio, podendo aproveitar o arquivo de gravação de voz do próprio aplicativo como material de coleta de dados para posterior transcrição a ser realizada pela pesquisadora.

Cabe sinalizar que a pesquisadora já tem os endereços dos e-mails necessários, como também já possui o contato via Whats App de todos os possíveis entrevistados. Essas informações foram concedidas pelos próprios sujeitos a serem entrevistados.

A pesquisadora terá acesso a essas gravações, mas, após transcrição, os nomes dos entrevistados serão modificados, podendo ser trocados por codinomes sugeridos pelos próprios entrevistados, para que suas identidades e das instituições em que trabalham sejam preservadas de forma a minimizar os riscos de exposição dos entrevistados e de seus locais de atuação profissional.

Para a seleção da amostra, houve a preocupação em contemplar práticas em escolas públicas e privadas de diferentes localizações do Estado do Rio de Janeiro, com o intuito de ampliar o campo de investigação.

**4. POTENCIAIS RISCOS E BENEFÍCIOS:** Toda pesquisa oferece algum tipo de risco. Nesta pesquisa, o risco pode ser avaliado como mínimo, considerando que os participantes estão sujeitos as suas condições físicas e circunstanciais, bem como as do próprio projeto, isto é, o participante pode apresentar fadiga ou descontentamento ao responder as questões, em qualquer etapa da pesquisa e dela decorrente. Ou até mesmo sentir-se desconfortável, constrangido ou com alterações comportamentais no decorrer das gravações. Objetivando minimizar esses riscos, o participante tem a possibilidade de se reservar ao direito de não responder, caso se sinta incomodado com alguma pergunta. Por outro lado, são esperados os seguintes benefícios da participação na pesquisa: o entrevistado tem a possibilidade de contribuir direta ou indiretamente com a comunidade escolar e científica, bem como com a sociedade de um modo geral, “possibilitando a promoção de qualidade digna de vida, a partir do respeito aos direitos civis, sociais, culturais e a um meio ambiente ecologicamente equilibrado”, sem que possa ser incluído quaisquer benefícios ao/à pesquisador/a.

Outrossim, há o risco pertinente a qualquer pesquisa dessa natureza, que é a quebra de sigilo. Contudo, todos os esforços a minimizarem todos os riscos possíveis serão empenhados, ainda que possa ser quebrado involuntariamente e sem nenhuma intenção. Para tanto, os nomes dos entrevistados serão modificados, podendo ser trocados por codinomes sugeridos pelos próprios entrevistados, para que suas identidades e das instituições em que trabalham sejam preservadas de forma a minimizar os riscos de exposição dos entrevistados e de seus locais de atuação profissional.

No contexto atual, outro risco precisou ser considerado, em função do combate ao Coronavírus (AVID-19) em escala mundial. Dessa forma, o TCLE e o texto de apresentação da pesquisa serão enviados por e-mail para cada entrevistado, solicitando que eles assinem e façam a devolução do TCLE também por e-mail, tornando-se desnecessário o contato presencial para, assim, minimizar os riscos de contaminação pelo vírus AVID-19.

**5. GARANTIA DE SIGILO:** os dados da pesquisa serão publicados/divulgados em livros e revistas científicas. Asseguramos que a sua privacidade será respeitada e o seu nome ou qualquer informação que possa, de alguma forma, o (a) identificar, será mantida em sigilo. O (a) pesquisador (a) responsável se compromete a manter os dados da pesquisa em arquivo, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

**6. LIBERDADE DE RECUSA:** a sua participação neste estudo é voluntária e não é obrigatória. Você poderá se recusar a participar do estudo ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. Se desejar sair da pesquisa você não sofrerá qualquer prejuízo.

**7. CUSTOS, REMUNERAÇÃO E INDENIZAÇÃO:** a participação neste estudo não terá custos adicionais para você. Também não haverá qualquer tipo de pagamento devido a sua

participação no estudo. Fica garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, nos termos da Lei. \_Caso seja gerado qualquer tipo de despesa, será devidamente ressarcida, isentando à sua pessoa de quaisquer possíveis ônus.

**8. ESCLARECIMENTOS ADICIONAIS, CRÍTICAS, SUGESTÕES E RECLAMAÇÕES:** você receberá uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com o(a) pesquisador(a). Caso você concorde em participar, as páginas serão rubricadas e a última página será assinada por você e pelo(a) pesquisador(a). O(a) pesquisador(a) garante a você livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Você poderá ter acesso ao(a) pesquisador(a) Ana Cláudia de Freitas Frazão Soares pelo telefone (21) 41084217; (21) 31567230 ou (21) 987412283 ou pelo e-mail: [anacffrazao@gmail.com](mailto:anacffrazao@gmail.com). Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Colégio Pedro II (CEP/CPII), situado no Endereço: Campo de São Cristóvão nº 177, prédio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC), sala 202-B – São Cristóvão – Rio de Janeiro, CEP 29921-903, pelo telefone: 21 3891-0020 ou pelo e-mail: [cep@cp2.g12.br](mailto:cep@cp2.g12.br)

### CONSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_ li e concordo em participar da pesquisa.

Assinatura do(a) participante	Data: ___/___/___
-------------------------------	-------------------

Eu, **\_Ana Cláudia de Freitas Frazão Soares\_** obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do(a) participante da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a)	Data: ___/___/___
---------------------------------	-------------------